

**UNIVERSIDADE ESTADUAL JÚLIO DE MESQUITA FILHO - UNESP CAMPUS BAURU
FACULDADE DE ARTES, ARQUITETURA, COMUNICAÇÃO E DESIGN - FAAC
DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA - DARG**

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

Leticia Silva Oliveira

**Morada: a voz das arpilleras e o processo criativo de
um zine têxtil**

Bauru

2023

Leticia Silva Oliveira

Morada: a voz das arpilleras e o processo criativo de um zine têxtil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, habilitação em Bacharelado, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - FAAC UNESP/Campus de Bauru, como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Artes Visuais. Orientado pela Profa. Dra. Joedy Luciana Barros Marins Bamonte.

Bauru

2023

O48m

Oliveira, Leticia Silva

Morada : a voz das arpilleras e o processo criativo de um zine têxtil / Leticia Silva Oliveira. -- Bauru, 2023
78 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Artes Visuais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Joedy Luciana Barros Marins Bamonte

1. Bordado. 2. Processo criativo. 3. Arpilleras. 4. Zines. 5. Arte têxtil. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Leticia Silva Oliveira

Morada: a voz das arpilleras e o processo criativo de um zine têxtil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

COMISSÃO JULGADORA

Profa. Dra. Joedy Luciana Barros Marins Bamonte.

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - UNESP

Professora Orientadora — Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Tarcila Lima da Costa

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - UNESP

Profa. Dra. Thaís Regina Ueno

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - UNESP

Bauru, 4 de Julho de 2023

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à minha família, meus pais Hilda e Deusgessi e ao meu irmão Leandro que sempre me deram um abrigo ao qual retornar. Para a incrível artesã e mulher que considero minha segunda mãe, Alda. Que me ensinou desde pequena a deixar a arte fazer morada, obrigada.

Aos meus queridos amigos Júlia Teixeira, Loiane Garcia, Ana Morales, Ester Morais e Victoria Miyashiro pelas conversas, desabafos e inspirações. Meu mundo é mais bonito graças à presença de vocês.

Aos meus colegas de faculdade, pelas trocas e aprendizados, em especial Isabela Hueara, Thaís e Júlia Nogueira, aos meus colegas do grAVA; Júlia Lasry, Luiz Felipe Motta, Beatriz Kanayama, Alex Morais, Gabe Sommer, Paula Sakaya, Isadora Locatelli.

Dedico esse trabalho em especial a todos os professores que passaram por minha vida e me tocaram ao sensível do aprender, em especial a Profa. Dra. Joedy Luciana Barros Marins Bamonte que aceitou me orientar neste projeto e compartilhar dessa visão, e com suas palavras e calma guiou esta pesquisa.

Agradeço a minha banca, que é formada por incríveis artistas e educadoras com a qual tive o prazer de ser aluna, Profa. Dra. Thaís Regina Ueno Yamada e Profa. Dra. Tarcila Lima da Costa.

O meu mais sincero obrigada a todos.

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida em função da confecção de um zine têxtil, por meio do bordado. Apresenta a poética abordada e o processo criativo da peça. Tendo seu foco em autores como Cecília Almeida Salles, Gaston Bachelard e Peter Stallybrass e Fayga Ostrower. As principais referências artísticas são o movimento social artístico composto majoritariamente por mulheres como as *arpilleras* chilenas e outras referências artísticas específicas. Propõe-se uma investigação sobre a influência desses movimentos na minha poética e como o registro, a memória e outras mídias como fotos, diários, entrevistas, relatos e música contribuem para o desenvolvimento de artes contemporâneas.

Palavras-chaves: Bordado, zine, arpilleras, têxtil, processo criativo, poéticas.

ABSTRACT

This research was developed based on the making of a textile zine, through embroidery. It presents the approached poetics and the creative process of the work of art. Having its focus on authors such as Cecília Almeida Salles, Gaston Bachelard and Peter Stallybrass and Fayga Ostrower. The main artistic references are the artistic social movement composed mostly of women like the Chilean *arpilleras* and other specific artistic references. An investigation is proposed on the influence of these movements on my poetics and how recording, memory and other media such as photos, diaries, interviews, reports and music contribute to the development of contemporary arts.

Key-words: Embroidery, zine, *arpilleras*, textile, creative process, poetics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Anônima. Chile, fins da década de 70.....	12
Figura 2. Anônima. Chile, aproximadamente 1979. Doação de Joanne Sheehan, Estados Unidos.....	13
Figura 3. "Vamos para a praia de ônibus" Anônimo. Pedacos de tecido costurados à mão em serapilheira, 67cm x 62 cm, 1977, Chile.....	14
Figura 4. "Associação Kuyanakuy, Ontem - Hoje", Associação Kuyanakuy, 1,70 x 2, 83 m, 2002, Peru.....	15
Figura 5. Presente e futuro, 60 x 40 cm, 2015.....	16
Figura 6. Obras das arpilleras brasileiras na exposição "Mensagens das Águas".....	18
Figura 7. Parede da Memória, Rosana Paulino, 1994/2015, Instalação, patuás em manta acrílica e tecido costurados com linha e algodão, fotocópia sobre papel e aquarela, 8 x 8 x 3 cm.....	19
Figura 8. Retirantes, da série Retirantes, Candido Portinari, 1,90 x 1,80 m, 1944-1945, Óleo sobre tela.....	21
Figura 9. Abrigo (1996), Brígida Baltar. Impressão fotográfica ou slide, 60 x 40 cm [cada] ou projeção.....	22
Figura 10. Sem título (1993), Fotografias costuradas em casaco de couro e cabide de madeira, 79 x 48 x 4 cm.....	23
Figura 11. Arquitetura dos Afetos 2, Vanessa Freitag, 2019.....	24
Figura 12. Catálogo de obsessões, Céu Isatto, mini-zine de 8 páginas, Capa e contracapa, 2022.....	26
Figura 13. Catálogo de obsessões, Céu Isatto, mini-zine de 8 páginas, páginas 4 e 5, 2022.....	26

Figura 14. Catálogo de obsessões, Céu Isatto, zine de 20 páginas, 15x11cm, páginas 14 e 15, 2022.....	27
Figura 15. “Umbilical”, colagem digital, Leticia Oliveira, 2019.....	38
Figura 16. “Linhas”, Leticia Oliveira, 2019, Colagem e desenho digital.....	39
Figura 17. Esboços da série “Linha”, colagem digital, 2019.....	41
Figura 18. Alagamento, instalação, colagem com papel, 3 placas de aproximadamente 56 x 52 cm (cada), 2021, Leticia Oliveira.....	42
Figura 19. Alagamento, 2021.....	43
Figura 20. “Figo”, papelão e papel costurado no tecido, Leticia Oliveira, 27 x 25 cm, 2022.....	44
Figura 21. Medição da entretela.....	47
Figura 22. O tecido com seus vincos.....	47
Figura 23. Ilustração digital, setembro de 2022.....	48
Figura 24. Esboços da capa, setembro de 2022.....	49
Figura 25. Esboços do zine, setembro de 2022.....	49
Figura 26. Fotos da casa, setembro de 2022.....	50
Figura 27. Experimentação do zine.....	50
Figura 28. Eu e minha mãe fazendo ponto cruz e crochê.....	51
Figura 29. Primeira versão em tecido, contracapa e capa, agosto de 2022.....	52
Figura 30. Contracapa e capa, segunda versão, novembro de 2022.....	53
Figura 31. Segunda versão do zine sendo bordado no início de novembro de 2022..	54
Figura 32. Segunda versão do zine, final de novembro de 2022.....	54
Figura 33. Páginas descartadas do zine.....	55
Figura 34. Experimentações com máquina de costura.....	56
Figura 35. Capa da terceira versão do zine, abril de 2023.....	57

Figura 36. Comparativo de tamanho dobrado (segunda versão, primeira versão e terceira versão).....	57
Figura 37. Detalhe do bordado.....	58
Figura 38. Terceira versão do zine, com partes mastigadas pela minha cachorra Laika, 2023.....	58
Figura 39. Vincando o algodão cru com calor.....	59
Figura 40. Algodão cru com vincos.....	60
Figura 41. Processo de colagem, maio de 2023.....	61
Figura 42. Colagem de fotos pessoais, maio de 2023.....	62
Figura 43. Capa ou página 1.....	63
Figura 44. Zine aberto, parte exterior.....	64
Figura 45. Zine aberto, parte interna.....	66

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O MOVIMENTO <i>ARPILLERO</i>.....	11
2.1. Movimento <i>Arpillero</i> Chileno.....	11
2.2. Movimento <i>Arpillero</i> no Brasil.....	15
3. DIÁLOGO E ARTE.....	19
4. CASAS E PALAVRAS.....	29
5. LINHAS E MEMÓRIA.....	38
6. PROCESSO EM CONTINUUM.....	46
6.1. Certos inícios.....	46
6.2. Experimentações.....	51
6.3. Fotografias.....	60
7. ZINE E POÉTICA.....	63
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
9. REFERÊNCIAS.....	69
10. APÊNDICE A - ZINE FAZER MORADA.....	72

1. INTRODUÇÃO

“Morada: a voz das *arpilleras* e o processo criativo de um zine têxtil” tem como objetivo relatar o processo criativo de um fazer têxtil e seus desdobramentos poéticos.

O início deste percurso foi o levantamento histórico do movimento das *arpilleras* chilenas, bem como seus desdobramentos. Passando pelos detalhes da técnica feitos pelas bordadeiras, esse enfoque se dá pela necessidade de criar diálogos entre a arte e o ouvir a voz de quem por meio dela se comunica. Seguindo isso, continuo a investigar essa malha de referências com outros artistas no capítulo “Diálogo e Arte”, focando em obras específicas que fazem parte do meu repertório.

O capítulo “Casas e Palavras” assume um papel mais introspectivo de mergulho em memórias pessoais, relacionando-as com músicas e com a própria casa, de forma a analisar essas memórias dentro de uma trajetória. O próximo capítulo “Linhas e Memória” continua esse resgate, porém agora com seu foco em obras produzidas por mim, dando um novo olhar a partir desse movimento de revisitação.

O capítulo “Processo em continuum” relata a produção da obra e como ela se transformou até o fazer do zine. O próximo capítulo “Zine e Poética” aprofunda as poéticas do zine.

O zine na íntegra está no apêndice A no final do trabalho.

2. O MOVIMENTO *ARPILLERO*

2.1. Movimento *Arpillero* Chileno

A pesquisa começa fazendo um levantamento histórico de como deu-se a criação do movimento popular espontâneo das *arpilleras* chilenas, composto por mulheres que se utilizaram de técnicas de bordado e costura como forma de expressão diante da ditadura militar chilena que foi imposta dos anos 1973 até 1990, durante a qual o presidente Augusto Pinochet por 15 anos esteve sob o poder do Chile, conhecida como a ditadura mais violenta da América do Sul.

Originalmente, o termo *arpillera* se refere ao nome de uma técnica têxtil criada na ilha de Isla Negra, no Chile. A palavra tem sua tradução do castelhano como “tecido grosso e áspero”, devido a ser uma técnica que utilizava muitas vezes sacos de batata, farinha e panos rústicos feitos de cânhamo ou linho grosso para compor o bordado feito à mão com linhas e agulhas. A técnica é usada como uma forma de subsistência.

Posteriormente, o termo ganhou um novo significado, passando a designar as próprias mulheres que resgataram a técnica durante a ditadura, durante os anos de 1973 a 1990, sendo usada para denunciar os horrores vividos, assim como contar histórias e ajudar a compreender a vida que estavam levando. Além dos materiais utilizados na técnica original, sobras de pano são incorporadas às obras, tecidos quais vinham das roupas dos familiares que haviam sido capturados ou que estavam desaparecidos. Sobre a importância do uso dessas vestimentas, salienta-se a proximidade e os significados do que nos é deixado pelo outro, como algo muito íntimo e poético e sobre o que acontece entre nós e as roupas, cita-se a obra “O Casaco de Marx” (2016) de Peter Stallybrass, que aborda a ligação das emoções humanas e a relação dos corpos com as roupas que vestimos. “As roupas são preservadas; elas permanecem. São os corpos que as habitam que mudam.” (STALLYBRASS, 2016, p.16)

O movimento *arpillero* começou quando as igrejas locais viram a necessidade de apoiar o povo naquele momento, principalmente as mulheres. A Igreja Católica Chilena fornecia os materiais, assim como o espaço para elas se reunirem. As obras depois de prontas foram levadas a outras partes, bordados que então deram voz a inúmeras mulheres silenciadas. Pela natureza dos bordados e por suas criadoras

serem mulheres, as obras *arpilleras* não foram vistas como algo de devido valor, sendo considerado meros bordados de mulheres; só depois de um olhar mais atento foi descoberto o significado daqueles trabalhos, transformando suas autoras em subversivas, representantes de um movimento proibido.

Roberta Bacic, nascida no Chile, formada em Filosofia e licenciatura em Inglês, vivenciou todo o período da ditadura no país e se envolveu com o movimento *arpillero* chileno a partir de 1975, no auge da ditadura. Posteriormente se tornou a fundadora do “Têxteis do Conflito” (Conflict Textiles), uma organização internacional que contém uma coleção de mais de trezentas obras *arpilleras* vindas pelo mundo, tem em seu acervo países como Peru, Espanha, Brasil, Argentina, Irlanda, Equador, Síria, Inglaterra entre outros. Na figura 1, pode-se ver uma das obras que fazem parte do acervo.

Figura 1: Anônima. Chile, fins da década de 70.



Foto: Martin Melaugh. Fonte: Acervo Conflict Textiles

Em entrevista para o Instituto Internacional do Catalão pela Paz, ela diz como este acervo se tornou um grande diálogo entre mulheres ao redor do mundo. Não são somente peças de pano, e seu uso vai desde exposições, estudos, capa de livros e arte terapia.

As *arpilleras* têm sido um instrumento de empoderamento, mas também de protesto, testemunho e preservação da memória. Não é simplesmente uma técnica, prefiro falar delas como uma linguagem, porque algumas *arpilleras* são feitas com pouquíssima técnica, por mulheres que mal sabiam nada de costura, mas sua arte está em como conseguem comunicar o que querem dizer. É a linguagem utilizada para transmitir toda a vida dessas mulheres, com a carga política e social. (BACIC, 2017. Tradução nossa).¹

Roberta Bacic se tornou responsável pela curadoria de exposições e levou as *arpilleras* para exposições ao redor do mundo e dessa forma, percebeu uma resposta entre os lugares para onde as exposições foram levadas. "As *arpilleras* estão sendo expostas como linguagem e forma de conversação através da matéria têxtil, e todas constituem espaços onde as mulheres podem contar suas próprias histórias" (BACIC, 2017).

Figura 2: Anônima. Chile, aproximadamente 1979. Doação de Joanne Sheehan, Estados Unidos.



Na obra a frase "¿donde están?" que se traduz como "onde estão?". Fonte: Acervo Roberta Bacic

Como forma de registrar a vida cotidiana das comunidades e de afirmar sua identidade, as *arpilleras* se converteram em um meio de expressão tanto individual como coletivo, e em uma fonte de sobrevivência em tempos adversos. Muitas

¹ The *arpilleras* have been an instrument of empowerment, but also of protest, testimony and preservation of memory. It is not simply a technique, I prefer to talk about them as a language, because some *arpilleras* are made with very little technique, by women who hardly knew anything about stitching, but their art lies in how they manage to communicate what they want to tell. It is the language used to transmit these women's entire life, with its political and social load.

arpilleras fazem referência aos valores da comunidade e aos problemas políticos e sociais enfrentados e se tornaram uma forma de comunicação, tanto no próprio país como fora dele, sobre o que estava acontecendo. Além das próprias cenas de denúncias, muitas *arpilleras* tinham pequenos bolsos no verso que serviam para o envio de bilhetes. Segundo Roberta Bacic para o Instituto Internacional do Catalão pela Paz:

As *arpilleras* mostravam o que realmente estava acontecendo nas suas vidas, constituindo expressões da tenacidade e da força com que elas levavam adiante a luta pela verdade e pela justiça. Além disso, cada uma destas obras pôde quebrar o código de silêncio imposto pela situação então vivida no país. Hoje, são testemunho vivo e presente, e uma contribuição à memória histórica do Chile (BACIC, 2017)

Figura 3. "Vamos para a praia de ônibus" Anônimo. Pedações de tecido costurados à mão em serapilheira, 67cm x 62 cm, 1977, Chile.



Foto: Roser Corbera. Fonte: Acervo Conflict Textiles Collection.

Na obra acima, produzida nessa oficina, temos a representação de uma viagem para a praia em família. A bordadeira dessa peça teve seus dois filhos dados como desaparecidos. A peça de um tempo mais feliz representa também o sonho de um dia voltar a viver essa realidade.

Sobreviver a um trauma envolve, entre várias reações, aceitar a situação, algo aparentemente simples, porém difícil e complicado de se alcançar. O movimento *arpillero* ajudou essas mulheres a lidarem com essa situação que interrompeu suas vidas, a entender essa dor que nunca irá embora. Além disso, fortaleceu a sensação

de união e coletividade. É comum, ao passarmos por uma situação de dor e perda, vermo-nos sozinhos, entretanto essas mulheres optaram por se unirem, em uma troca na qual podem perceber vivências parecidas, dores iguais e dividirem suas cargas. Isso é de uma importância imensurável. A arte ajuda nessa ligação.

Figura 4. “Associação Kuyanakuy, Ontem - Hoje”, Associação Kuyanakuy, 1,70 x 2, 83 m, 2002, Peru.

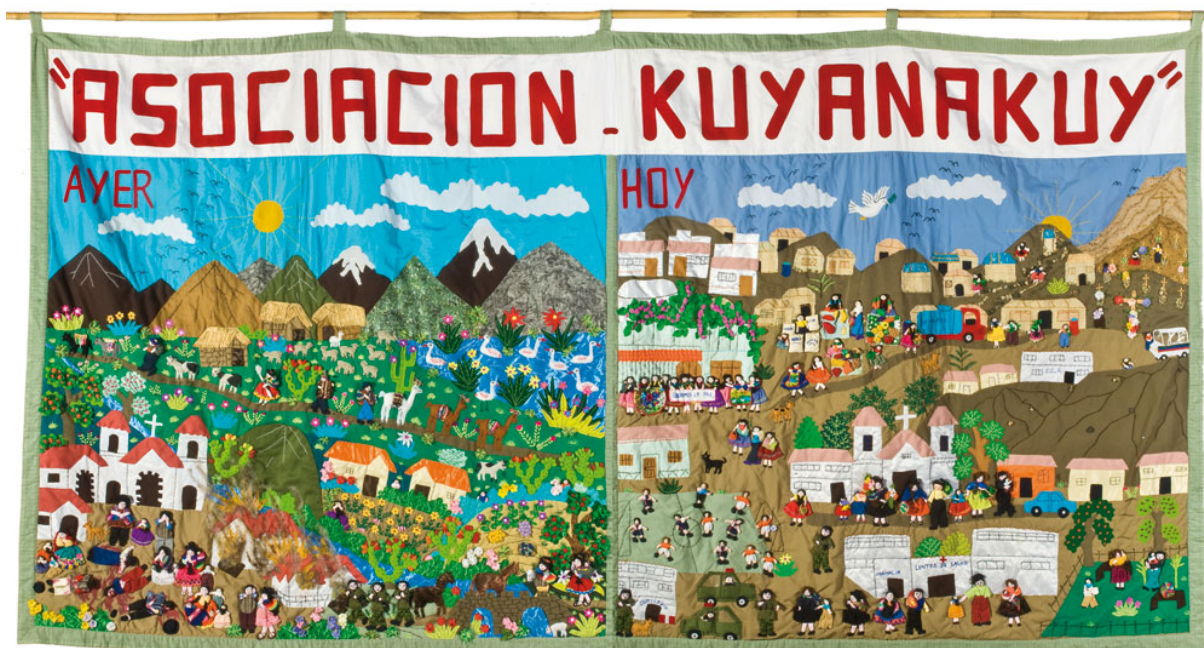


Foto: Heinz Breilmann; Gaby Franger and Rainer Huhle. Fonte: Acervo privado.

2.2. Movimento *arpillero* no Brasil

No Brasil, o MAB, Movimento dos Atingidos por Barragens, atua desde 1980, com objetivos de defender a população em áreas atingidas por hidrelétricas. As mulheres dentro do MAB viram a necessidade de se unirem dentro do movimento, assim entre 2007 e 2010 foram realizados encontros de forma a entender as necessidades específicas das mulheres afetadas pelas barragens.

Em 2011 com curadoria de Roberta Bacic, o Memorial da Resistência de São Paulo traz a exposição “*Arpilleras* da resistência política chilena” apresentando a história, obras e a técnica chilena para a região.

Desde 2013, o MAB organiza oficinas de resgate da técnica *arpillera* visando denunciar violações ambientais, sociais e culturais das áreas atingidas por modelos

insustentáveis de geração de energia elétrica que alteram profundamente cidades, de forma social e estrutural. Assim, a técnica na mão dessas mulheres se torna uma ferramenta que dá voz a elas.

Para nós, do MAB, as *arpilleras*, além de uma ferramenta de denúncia, são um convite e uma possibilidade de tecer a organização das mulheres. É assim que as peças são costuradas, em cada ponto o anseio de que outro mundo é necessário e possível de ser tecido coletivamente. (Movimento dos Atingidos por Barragens)

No MAB, há uma intensa preocupação com a documentação das obras assim como dar voz a essas mulheres de forma apropriada. No site oficial do MAB, as obras são catalogadas e são acompanhadas de cartas escritas pelas autoras, criando uma comunicação artística e literária de forma muito potente.

Figura 5. Presente e futuro, 60 x 40 cm, 2015.



Foto: Lucielle Sousa. Acervo: Secretaria Estadual do MAB - PA/Altamira.

A obra acima é acompanhada da seguinte carta:

Essa *arpillera* foi costurada por nós mulheres indígenas da aldeia praia do índio, e representamos nos bordados duas imagens:

A primeira, na parte de baixo, representa como é a vida na aldeia, a relação com o rio e a relação com a caça e pesca. Também tem o campo onde as mulheres jogam bola e assim é a vida na comunidade. A segunda na parte, de cima, retrata o abandono, a aldeia quase sem ninguém, sem pesca, sem frutos, as casas abandonadas e o principal, o nosso rio poluído, seco e as lágrimas de uma mulher indígena sem saber o que fazer, pois a consequência da construção da barragem de São Luís do Tapajós destruiu sua vida e do

povo que morava naquele lugar. (Mulheres atingidas por barragens do Pará, 2015).

Assim a técnica cresce, junto com sua temática, se tornando maior em sua trajetória e história. Aqui no MAB, ela ganha contornos de crítica social e ambiental assim como política.

Nós, mulheres atingidas por barragens, queremos apresentar a todas vocês nossa história de dor, resistência e conquista. Porque mesmo diante de todas as violações cotidianas e negação dos nossos direitos, existe uma força que nos faz acreditar e lutar".(Carta das mulheres atingidas por barragens às mulheres lutadoras, 2017)

Em 2019 através do financiamento coletivo, o coletivo de mulheres do MAB lança o documentário "*Arpilleras*: atingidas por barragens bordando a resistência" (2019), o documentário além de contar sobre as *arpilleras* chilenas, acompanha a história de 10 mulheres atingidas por barragens nas 5 regiões do Brasil. No documentário temos seus relatos de vida e vemos sua relação com a técnica *arpillera*. Sendo ela usada como comunicação entre as mulheres, numa rede de expressão compartilhada e como uma ferramenta de empoderamento feminino. Aqui a costura deixa de ser algo ligado a dona de casa, visto como um fazer menor. Esse fazer artístico vira uma resistência.

A técnica *arpillera* ao ser utilizada carrega consigo a história do seu próprio fazer, assim vemos como mesmo se utilizando da técnica para contar suas próprias histórias, ainda há um cuidado de se contar a história das bordadeiras que já se utilizavam da técnica. Isso fortalece o fazer *arpillero* e suas lutas. Cria-se essa conexão entre as mulheres e seus anos de história.

No início do ano de 2023, algumas das obras *arpilleras* brasileiras foram expostas na exposição "Mensagens das Águas" no MARKK Museum am Rothenbaum, em Hamburgo, em uma exposição com a temática da relação de povos tradicionais com a água e suas questões como acesso à água, mudanças climáticas, insegurança hídrica, proteção das águas e disputas pela água. Apesar das diferenças em seu contexto e uso, a técnica *arpillera* continua ampliando as vozes dessas mulheres em várias regiões do mundo, tecendo novas conexões e influências.

Figura 6. Obras das arpilleras brasileiras na exposição “Mensagens das Águas”.



Fotos: Paul Schimweg. Acervo MARKK Museum am Rothenbaum, Hamburgo.

Este bordado carregado de memórias e histórias não é algo exclusivo da técnica *arpillera*. A própria materialidade do têxtil carrega essas memórias. Sendo encontrada evidências dessa temática em outras obras que utilizam elementos da arte têxtil para compor sua poética.

3. DIÁLOGO E ARTE

“O artista não está só. Por trás de qualquer trabalho, mesmo que realizado de maneira individual, existe uma rede de pessoas ou objetos que, direta ou indiretamente, auxiliam na criação da obra.”
(Itaú Cultural, 2008)

Neste capítulo, dedico-me a trazer artistas que, em suas obras trazem elementos e temáticas que conversam com minha trajetória artística, visto que, segundo Salles “a obra de arte carrega as marcas singulares do projeto poético que a direciona, mas também faz parte da grande cadeia que é a arte.” (SALLES, 1998, p. 42) proponho estabelecer diálogos com essas obras.

A obra da artista e educadora Rosana Paulino tem sua produção centrada em torno de questões sociais, étnicas e de gênero, concentrando-se em particular nas mulheres negras da sociedade brasileira e nos vários tipos de violência sofridos por esta população devido ao racismo e ao legado duradouro da escravidão.

Paulino explora o impacto da memória nas construções psicossociais, introduzindo diferentes referências que intersectam a história pessoal da artista com a história fenomenológica do Brasil, tal como foi construída no passado e ainda persiste até hoje.

Figura 7. Parede da Memória, Rosana Paulino, 1994/2015, Instalação, patuás em manta acrílica e tecido costurados com linha e algodão, fotocópia sobre papel e aquarela, 8 x 8 x 3 cm.



Fonte: Acervo Pinacoteca de São Paulo.

Na obra acima “Parede da Memória” (1994), Paulino cria uma extensa composição em grade formada pela reprodução de onze pequenos retratos do arquivo familiar da artista que, agrupados em diferentes combinações, desdobram-se em 1500 imagens. As fotocópias são inseridas em almofadas preenchidas com algodão e emolduradas por uma costura manual ao modo de patuás. Sobre a obra a artista diz: “O que eu gosto muito é trabalhar com a foto já feita, porque ela tem uma carga, um afeto muito grande.” Paulina traz a força que um suporte e a materialidade carregam consigo para a obra, criando uma relação de memória e afetividade, que não fica resguardado ao indivíduo, à artista, sendo esses sentimentos compartilhados pela vivência de forma cultural na sociedade. Assim cria-se uma identificação com a obra e suas memórias.

A costura e o bordado são técnicas associadas ao fazer feminino, em dado momento da história, consideradas virtudes da feminilidade, deveres. Rosana Paulino ao se incorporar desses elementos diz: “A partir do momento em que eu trago um elemento tido como primordialmente feminino, eu tô trazendo também questionamentos, a costura é uma atividade desvalorizada” (PAULINO, 2018).

Paulino também traz a questão do coletivo, onde ao fazer a repetição das fotos diz: “Você ignora onze pessoas mas não mil e trezentas.” (2018). Indicando a força que o coletivo unido tem de se expressar. Assim como as dimensões de uma obra são capazes de causar experiências.

A forma como a artista ressignifica os elementos que trabalha como a costura, as fotografias e a própria materialidade do tecido me despertaram um interesse em explorar esses elementos.

Chama-me atenção como a artista constrói uma poética se apropriando das fotografias, as ressignificando. Assim também como a dimensão que ela trabalha.

Pensando em questões de dimensões de obras, tive uma experiência marcante enquanto visitava o acervo do MASP em São Paulo. Quando nos acostumamos a ver obras de arte pela tela do celular, impressas em livros, esquecemos como é a experiência de estar naquele ambiente. Uma legenda falando-me que uma obra tem três metros de altura, está longe de se aproximar de entrar em um ambiente e me deparar com uma obra de três metros diante de mim. O quadro de 1,90 por 1,80 metros de Cândido Portinari me engoliu.

Figura 8. Retirantes, da série Retirantes, Candido Portinari, 1,90 x 1,80 m, 1944-1945, Óleo sobre tela.



Foto: Pedro Campos/ Elizabeth Kajiya/ Marcia Rizzuto (IFUSP).
Acervo: MASP - São Paulo.

A dor que me despertou ao ver o quadro não era mais parecida com a experiência de ver o quadro pequeno que eu enxergava de cima, agora estava diante de mim me rodeando, não me dando chances de escapar, trazendo à tona memórias de conversas com o meu pai e sua infância.

Passei a evitar olhar para o quadro novamente depois disso, mas ali sabia que algo havia mudado. Fiquei a pensar como é singular as relações que a arte nos traz. A força que há em cada movimento criador.

Essa força cresceu a explorar os meus arredores e expandiu para o espaço físico que me cerca. A artista Brígida Baltar começou a desenvolver sua obra na década de 1990 por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê localizada em Botafogo, um bairro da zona sul do Rio de Janeiro, e explora sua relação com sua casa-ateliê na obra “Abrigo”.

Figura 9: Abrigo, 1996, Brígida Baltar. Impressão fotográfica ou slide, 60 x 40 cm [cada] ou projeção.



Foto: João Galhardo.

Na obra “Abrigo” (1996) descrito como “Desenho do corpo da artista escavado na parede” Brígida Baltar explora uma visão muito íntima da relação do corpo com o espaço físico da casa, ao ter o formato do seu corpo se encaixando na parede, a artista faz parte daquele espaço o completando, e sua ausência deixa vazios.

As fotos comunicam uma narrativa juntas, entre elas há lacunas de uma foto para a outra. Do momento em que o primeiro buraco na parede é feito, a escolha das ferramentas, a sensação de retirar material da parede e aos poucos formar sua silhueta. O momento que a artista percebeu que se encaixava perfeitamente a primeira vez.

O trabalho de Brígida Baltar se revela como de contrastes, entre leveza e força, interno e externo. E muita sensibilidade.

Figura 10. Sem título, 1993, Brígida Baltar. Fotografias costuradas em casaco de couro e cabide de madeira, 79 x 48 x 4 cm.



Fonte: Acervo particular

A obra acima apresenta uma série de fotografias da própria artista no que parece ser durante o banho. Essas fotos são costuradas no que provavelmente é seu próprio casaco. O cabide tem como função guardar uma roupa, deixando-a preparada para um uso posterior. Ao se colocar na roupa, Brígida cria uma delicada metáfora do seu corpo com a roupa que o veste. O banho assume um papel de manutenção de nossa higiene e corpo físico como também assume uma forma de preparo em nossas rotinas, o banho de manhã, anuncia um novo dia a ser vivido, o banho a noite o corpo que se prepara para descansar. E aqui esse preparo do corpo é colocado junto com o cuidado com a roupa, como se fossem duas coisas indissociáveis.

Bachelard em O casaco de Marx diz:

Uma rede de roupas pode efetuar as conexões do amor através das fronteiras da ausência, da morte, porque a roupa é capaz de carregar o corpo ausente, a memória, a genealogia, bem como o valor material literal. (STALLYBRASS, 2016, p.14)

A obra de Stallybrass despertou em mim um olhar voltado para o material e as possibilidades que cada linguagem e materialidade consigo trazem, me levando a uma vontade de explorar mais as questões trazidas pelo texto.

Se aprofundando na própria materialidade do têxtil, temos Vanessa Freitag. Nas palavras da própria artista vemos como ela se apropria do tecido para explorar a poética e a sinestesia em suas obras.

No meu trabalho, pesquiso a linguagem têxtil porque sinto curiosidade por todas as possibilidades matéricas e técnicas que oferece, desde o crochê, a costura, as tramas e o bordado. Experimentos com materiais de segunda mão para construir, costurar e formar objetos e esculturas, cujas formas orgânicas, moles, flexíveis, intervêm em espaços concretos, mas também aludem a um outro imaginado. A materialidade têxtil estimula uma ampla gama de sentidos tanto tátil quanto visual. E me permite tornar palpável as paisagens que visto, observo e documento; os processos de vida dos organismo do mundo botânico e todos os seus possíveis microrganismos. Desde um corpo migrante, tanto a linguagem, como o material e os assuntos que estudo, criam mecanismos para me vincular com o outro e com seu contexto.” (FREITAG, 2019)

Figura 11. Arquitetura dos Afetos 2, Vanessa Freitag, 2019.



Fonte: Acervo particular.

A obra acima faz parte da série “Arquitetura dos Afetos”, uma série de esculturas pensadas para serem posicionadas nas paredes e no chão. Se utilizando de roupas usadas, preenchidas com enchimento onde a artista constrói um corpo com

acúmulos e camadas de roupa. Um trabalho que pela sua materialidade nos convida ao toque, a interagir com o objeto.

Em “Arquitetura dos afetos” reutilizo roupas usadas de conhecidos e desconhecidos para dar forma a um outro corpo. Cortei, costurei e preenchi uma parte da roupa, e a outra, preservei tal e como estava porque desejava manter a ideia do corpo humano. Quis que o abraço fosse visível e pudesse literalmente construir/dar forma à escultura, entrelaçada em forma de ninho. (FREITAG, 2021)

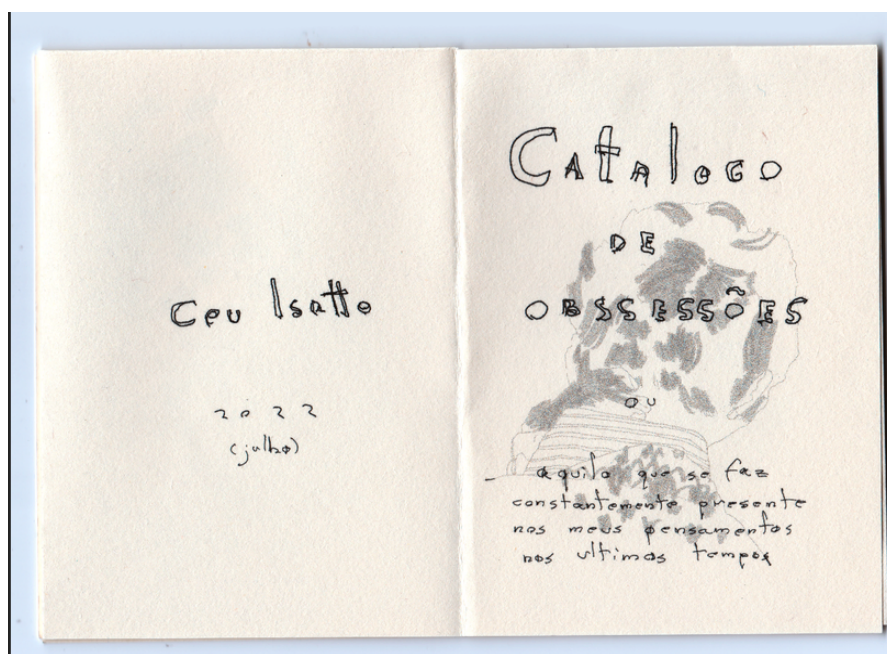
Como o tecido pode passar tantas coisas através da sinestesia da sua própria materialidade, tamanho e cor é incrível. Vanessa Freitag trabalha essas questões com uma afetividade imensa. “Comecei a costurar porque queria construir coisas palpáveis, que me trouxesse um pouco de consolo.” (FREITAG, 2019). Suas obras criam diálogo com o passado e o presente, não só pela utilização de técnicas e materiais mas em sua temática.

Falando de objetos, temos os livros, que por vezes ganham o papel de objeto artístico. Assim como as esculturas de Vanessa Freitag na série “Arquitetura dos Afetos”, o livro também convida o toque, nesse caso o toque que levará ao conhecimento do seu conteúdo, folheando suas páginas.

Artista multimídia Céu Isatto tem um interesse em explorar a linguagem e seus formatos, um dos formatos que ele se debruça é o do zine.

Catálogo de obsessões” foi uma pequena zine impressa em preto e branco que teve como disparador uma série de experiências de viagens, relações, desencontros, relações afetivas e mudanças físicas e psicológicas realizadas por meio de hormônios.” (ISATTO, 2022)

Figura 12. Catálogo de obsessões, Céu Isatto, mini-zine de 8 páginas, Capa e contracapa, 2022.



Na capa a descrição: "Aquilo que se faz constantemente presente nos meus pensamentos nos últimos tempos." Fonte: Acervo particular

Figura 13. Catálogo de obsessões, Céu Isatto, mini-zine de 8 páginas, páginas 4 e 5, 2022.



. Fonte: Acervo particular.

Céu Isatto, tem como temática principal afetos do cotidiano e em sua pesquisa sobre suportes investiga questões como contaminação, intraduzibilidade, linguagem, falha e ruído através de um repertório imagético próprio, muitas vezes passando uma

mídia para outra se utilizando de scanners e impressões caseiras. Nessas experimentações, se aproximou de técnicas próximas da risografia e da serigrafia, explorando a questão da textura em seus trabalhos.

E é justamente isso o que espera como resultado de suas narrativas: que causem diferentes emoções em variados públicos, porque a arte existe em um contexto muito maior, fora do controle do próprio artista.” (ISATTO, 2022.)

Figura 14. Catálogo de obsessões, Céu Isatto, zine de 20 páginas, 15x11cm, páginas 14 e 15, 2022.



Fonte: Acervo particular.

No zine acima, feito de colagens digitais imagens de domínio público sobrepostas entre si e alteradas digitalmente em um processo de apropriação, ganham novos significados no zine impresso em três cores em impressora caseira de jato de tinta.

A linguagem artística, ao se encontrar com a linguagem escrita dentro de uma obra, pode ganhar novos contornos e significados, criando uma relação texto-imagem.

Formando uma relação próxima com as palavras, a arte e a comunicação, o interesse em mesclar esses elementos e explorar suas possibilidades foi meu ponto de partida para explorar o formato do livro. Os livros existem de diversas maneiras, tamanhos diferentes, papéis, texturas, cortes, fontes e diagramações diferentes. Nesse

universo encontrei no zine uma linguagem e suporte que se alinhava com o que eu já havia produzido e ainda tinha planos de elaborar.

O zine convida à ação. Uma atitude passiva diante dele acaba por guardar suas páginas, como um segredo. Seu formato costuma ser de dimensões menores que o livro tradicional do mercado, esse tamanho menor traz uma maior proximidade com o leitor. O pequeno, um formato que cabe na mão, pode ser considerado mais simples do que um livro comum e com poucas páginas não passa uma impressão de desafiante, uma leitura rápida costuma dispensar um preparo por parte do leitor, assim o zine ganha força na ação rápida, consumido de imediato, pega por muitas vezes seu leitor de surpresa.

Cruzar caminho com as obras de Céu Isatto me modificou permanentemente, visto a forma como une-se palavras à ilustração.

4. CASAS E PALAVRAS

Em “Acasos e Criação Artística” (1990) a artista plástica, teórica da arte e educadora Fayga Ostrower abre o texto nos apresentando o acaso. E o que seria esses acasos? Fayga refere-se a um repertório de coincidências, erros cometidos que se transformaram em acertos, sempre eventos imprevistos e surpreendentes, que para se tornarem acasos teriam que ser percebidos por nós, pois “o próprio tecido da vida não é senão uma infinita teia de acasos.” (OSTROWER, 1990, p. 2)

Antes de mais nada, há o grande ACASO na vida de cada pessoa, que é a sua própria existência (...) Mas é um acaso que irá se converter em contexto de NECESSIDADE para o indivíduo, pois suas potencialidades representarão forças inelutáveis, de cuja realização ele não poderá fugir sob pena de se sentir aniquilado em seu íntimo ser. São estas potencialidades inatas de cada um, que geram os impulsos poderosos a mover o indivíduo a vida inteira, numa busca de realização que se entrelaça com a busca da sua própria personalidade. (OSTROWER, 1990, p. 2)

Pensando nesse trecho sobre os acasos e coincidências da vida, reflito sobre o contexto que me torna eu, minhas vivências e memórias que se tornaram relevantes para o meu processo de autoconhecimento.

Em um pequeno apartamento na cidade de São Bernardo do Campo, cresci cercada por palavras devido a forte presença da minha mãe, Hilda. Apaixonada por palavras fez da linguagem sua carreira. Muitas das minhas memórias de infância envolvem as leituras que ela fazia em voz alta, eu escutava sua voz lendo histórias antes de dormir, suas declamações de poesias para mim dentro do ônibus. Na grande região do ABC íamos juntas explorando a cidade com um livro na bolsa, esperando qualquer momento que pudéssemos voltar para nossas palavras.

A linguagem me fascinava, aquelas letrinhas pequenas com suas formas, suas linhas e desenhos que guardavam sons. Fui me voltando para essas palavras, escrevia diários e poemas, analisava letras de músicas e lia tudo que pudesse. Amava colocar essas letras na boca, falava com estranhos na rua e falava diante do espelho.

Meu mundo era esse caleidoscópio alfabético.

Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz freqüentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a

acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela. (BACHELARD, 1978, p. 200)

As palavras não vinham sozinhas, antes delas vieram as formas, as cores, as linhas. Os livros tinham seus detalhes, uma lombada colorida, um título bem desenhado, ilustrações coloridas em suas páginas. Eu gostava de pegar minhas canetinhas e lápis de cor e adicionar meus próprios desenhos naqueles livros, não gostava de encarar o vazio de uma página em branco.

Toda criança descobrindo e fazendo seu mundo tem a tendência a desenhar, eu não fui diferente, ao longo do caminho conforme descobrimos novas formas de nos comunicarmos, novas formas de entender o mundo, alguns deixam o desenho de lado, mas o desenho me inquietava, as palavras e os desenhos me tiravam o sono, algo que não sabia bem o porquê, mas estava decidida a investigar.

Hilda como muitas mulheres, tinha uma jornada dupla, quando saía do trabalho, cuidava da casa e dos filhos. Diferente do meu irmão mais velho eu era uma criança que poderia ser descrita como “muito agitada”, e uma das formas que Hilda encontrou para fazer seus bordados, me manter quieta e dentro da sua vista, foi me ensinar a bordar também. Ganhava meu próprio retalho de tecido e agulha, me sentava em uma ponta do sofá e ela na outra, a tesoura no meio de nós para ser compartilhada.

Conversávamos por horas, víamos novelas, contávamos sobre o nosso dia e ouvíamos música. Eu amava ver minha mãe bordando, a forma que suas mãos pareciam dançar, o jeito que a linha se estica, a imagem no início não definida se construindo aos poucos, como um segredo sendo revelado, apesar disso tudo o bordado não me segurou quieta por muito tempo, eu me frustrava muito rápido e me faltava a calma para aprender a delicadeza e força que o bordava demandava.

Se com a minha mãe as palavras se faziam presentes, com meu pai as palavras eram medidas, já que ele é um homem silencioso. Aprendi a ser seu espelho na sua presença. Aquelas palavras que eu tanto falava não deixaram de existir no fundo da garganta, eu as prendia de tal forma que tinha medo de relaxar e o som escapar por entre os dentes. Nesse silêncio aprendi a reparar em outra forma de comunicação, uma linguagem sem sons, meu pai não me poupava abraços e um carinho na cabeça, comecei a reparar na frequência que andava de mãos dadas com as pessoas, o cumprimento com beijo no rosto, a forma como minha mãe penteava meu cabelo, conforme conhecia e fazia meu mundo refletia tanto minha mãe quanto

meu pai, me tornei mais silenciosa e deixei as palavras existirem em mim e através de mim por poemas, cuidado e afeto.

As músicas e palavras assumiram um papel importante para o meu entendimento de mim e do mundo, sendo através delas que reconheço muitas das minhas emoções.

Na canção Capitão Gancho escrita em 2013 pela cantora e humorista Clarice Falcão, o eu lírico, afirma os eventos da vida que moldaram sua existência, com a conclusão que ela é simplesmente o resultado de suas vivências, uma mudança em qualquer um desses eventos e acasos a tornaria outra pessoa. O eu lírico assume uma posição de aceitação dos fatos, dado que não podemos modificar o passado.

Se não fossem as minhas malas cheias de memórias
Ou aquela história que faz mais de um ano
Não fossem os danos não seria eu
(...)
Se não fossem os aís
E não fosse a dor
E essa mania de lembrar de tudo feito um gravador
(FALCÃO, 2013)

Analisar nossos acasos pode nos passar a falsa sensação de controle e ação, como se ligar uma questão presente com um fio condutor a um fato do passado teríamos um começo e um fim, uma ação e consequência. Mas nada podemos fazer a não ser nos tornarmos conscientes. Imaginemos nossa vida como um fio com vários nós. Sendo cada nó uma memória. Parece simples a ideia de que após encontrar e desfazer esse nó essa memória não existisse mais. Porém mesmo que esqueçamos uma memória não podemos mais modificar suas ramificações. Somos o que somos.

Dentro desse lar eu fazia meu ninho, Hilda diz que eu era como um passarinho, juntava papéis em um canto e levava aos poucos meus materiais como canetinhas, tintas, pincéis e papéis e me rodeava neles como um ninho e ficava ali por horas, quando saía, deixava meu ninho pronto para voltar em outro momento. Hoje vejo a importância da minha família em nunca destruir esse ninho, até hoje meu espaço para me expressar e produzir de forma artística sempre foi respeitado e incentivado.

Algumas mudanças de casa depois colocaram minha família e eu em uma adorável casa no interior de São Paulo, uma casa não muito maior do que o apartamento, mas que de certa forma não comportava muito bem seus moradores, parece que conforme meu irmão e eu ganhamos centímetros na altura, também

expandimos nossa necessidade de espaço em área e nessa situação depois de 16 anos tendo meu próprio quarto, comecei a dividir quarto com meu irmão na época com seus 21 anos. O pequeno quarto cabia nossas duas camas e um criado mudo, nossos armários tiveram que ficar na sala. Foi a primeira vez que senti que não cabia na minha própria casa. Esse sentimento me corroeu e me levou a sonhar com outra casa.

Quando precisei escolher um caminho profissional fiquei em dúvida entre as palavras e o desenho, coloquei minhas duas opções no vestibular e deixei os resultados decidirem. Minha única certeza era que queria estudar fora da cidade, assim poderia descobrir o que era estar em uma casa só comigo mesma, tinha esse sonho de me descobrir na minha solidão.

Na faculdade e durante o curso de artes visuais algumas vezes me perguntaram porque eu escolhi artes e com confiança eu dizia que era porque eu não me via fazendo outra coisa. Era mentira.

Eu não passei na minha outra opção e de certa forma não escolhi artes, mas também não fugi dela (e olha que ela me persegue...), o que me inquieta e me coloca em movimento, não a entendo mas não desisto dela.

A inquietação me coloca aqui, a me debruçar sobre ela e entender seus processos na esperança de que as respostas levem mais pessoas a ela, pois a arte é bonita. Não digo bonita de uma forma estética, muito pelo contrário, muitas vezes nem a arte nem seu processo são bonitos. Uso a palavra bonita de forma poética, como quem vê beleza na morte e no ciclo da vida. Bonita de viver, bonita de experienciar e bonita no seu fim.

Em Bauru, fiz de uma pequena kitnet de cinquenta metros quadrados, meu novo lar, a mudança mais drástica de ambiente que até então, eu já havia feito. E ali estava eu, cheia de confiança na vida que viveria. Não dormi direito por duas semanas. Descobri que uma casa segura não era só sobre um muro alto, um portão, uma região determinada. Eu não me sentia segura sem a presença da minha família. Eles eram parte da casa.

Cazuza escreveu os versos de "Poema" para sua avó, o eu lírico revela o desejo de estar nos braços de uma pessoa querida e se sentir seguro, ação essa que o leva às memórias de infância. Nos versos seguintes ele completa:

Eu hoje tive um pesadelo
 E levantei atento, a tempo
 Eu acordei com medo
 E procurei no escuro
 Alguém com o seu carinho

 E lembrei de um tempo
 Porque o passado me traz uma lembrança
 Do tempo que eu era criança
 E o medo era motivo de choro
 Desculpa pra um abraço ou um consolo
 (...)

Hoje eu acordei com medo
 Mas não chorei, nem reclamei abrigo
 Do escuro, eu via o infinito
 Sem presente, passado ou futuro
 Senti um abraço forte, já não era medo
 Era uma coisa sua que ficou em mim
 De repente, a gente vê que perdeu
 Ou está perdendo alguma coisa
 Morna e ingênua que vai ficando no caminho
 Que é escuro e frio, mas também bonito porque
 é iluminado
 Pela beleza do que aconteceu há minutos atrás
 (CAZUZA; FREJAT, 1999)

O eu lírico entende que agora crescido precisa enfrentar sozinho seus momentos de medo e solidão. Porém carrega consigo a memória de um outro tempo e é nessa sensação evocada pela memória que o reconforta. Ele completa com um lamento pelas mudanças que a transição da infância para a fase adulta trazem, mas aceita nos versos “Que é escuro e frio, mas também bonito porque é iluminado. Pela beleza do que aconteceu há minutos atrás.” que essa passagem de tempo torna mais forte o afeto dentro de suas lembranças.

Assim como o eu lírico da canção de Cazuzza, esse sentimento agridoce de realizar que a infância só existirá nas minhas lembranças e eu nunca mais retornaria a ser quem um dia eu fui, me acompanharia pelos anos seguintes, permeando na minha poética.

É interessante pontuar como nossas memórias são lidas sempre com nosso olhar atual, fazendo um paralelo com os acasos citados pela Fayga Ostrower.

Mas enquanto não sentimos que tais coincidências nos digam respeito de um modo ou de outro, ou contenham algo de particular que possa nos interessar naquele momento, ao tomarmos conhecimento delas, tão prontamente as esquecemos. Foram apenas casualidades. (OSTROWER, 1990, p. 3)

Por exemplo, apesar de lembrar com clareza os momentos onde minha mãe lia

poesias para mim, essas memórias não me impactaram tanto ao revisitá-las cerca de um ano atrás, mas ao me dedicar a essa pesquisa e investigar minha poética e sua relação com a linguagem, foram que esses momentos com a minha mãe ganharam mais forças. As lembranças são constantemente ressignificadas por nós.

Passados dois anos de curso, e com a cabeça cheia de confiança novamente como quem acredita que entendeu a vida, eu estava certa de que havia controle em minhas mãos. Aprendi com meus erros de jovem e estava determinada a fazer um ano melhor, como se todas as decisões só coubessem a mim.

Decidi parar de morar sozinha na pequena kitnet, sentia muita falta da afetividade que outra pessoa trazia para dentro de uma casa compartilhada. Conversando com uma amiga que também sentia a necessidade de explorar um novo espaço com alguém próximo mudamos juntas no início de 2020.

Casa nova, possibilidades novas. Depositamos ali nas decorações da parede, na posição do sofá e no banquinho da sacada muitos sonhos e vontades, planejar aquele espaço parecia ser a base para tudo fluir bem.

Como Bachelard aborda no capítulo 4 de “A Poética do Espaço”, criamos uma imagem da casa como um ninho, e esse ninho se construiu na metáfora do refúgio, a própria palavra aninhar ganha significado de aconchego, de se recolher “Fisicamente, o ser que recebe o sentimento do refúgio se fecha sobre si mesmo, se encolhe, se esconde, se oculta” (BACHELARD, 1978, p. 257), mais adiante no texto, Bachelard analisa a imagética do ninho tendo suas características definidas pelo próprio corpo que abriga, assim como uma roupa feita sob medida.

E como então fazemos esse ninho a nossa imagem? Penso em como escolhemos os detalhes, como posicionamos os móveis, as cores do lençol, como com o tempo até de olhos fechados temos uma noção espacial de onde estão os elementos que compõem a casa.

Assim a relação entre corpo e casa envolve intimidade, e ao nos sentirmos seguros dentro desse espaço que nos permite estar vulnerável. É isso que nos leva a uma compreensão maior de si próprio, estabelecendo diálogo do interior e do exterior.

Nesse contexto, cerca de um mês depois de nos mudarmos a COVID-19 foi oficialmente declarada como uma pandemia, em março de 2020. Lembro de estar deitada no tapete em uma noite quente, contando fofocas com essa amiga, quando recebemos a notícia de que as aulas seriam paralisadas por 15 dias. Sabíamos que

seriam mais do que 15 dias. Estávamos longe de imaginar o tempo que viria pela frente, mas ali percebemos que algo mudaria.

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
(...)

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta.

(DRUMMOND, 2013, p.129-130.)

O poema de Carlos Drummond de Andrade lançado originalmente em 1942, nos apresenta este eu lírico nesse ponto de exasperação diante do desconhecido, sem saber como proceder. O verso “com a chave na mão, quer abrir a porta, não existe porta.” nos traz uma imagem de desespero, tirando do eu lírico a chance de realizar sua vontade, o deixando sem saída. A própria ideia de uma casa que passa a não ter mais porta é uma metáfora vasta de ser explorada. A porta tem o papel de mediar o interior e o exterior, sem ela podemos estar tanto presos do lado de fora ou presos do lado de dentro. E é nesses dois lados que minha mente divagava, o lado de dentro não me acolhia, mas o lado de fora era hostil.

Se a casa perde sua função de ninho, o que fazemos para estar dentro dessa casa? para usar uma roupa que não nos serve mais? Sem muitas opções me voltei a mim e à minha imensidão interior.

A imensidão está em nós. Está presa a uma espécie de expansão do ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que volta de novo na solidão. Quando estamos imóveis, estamos além; sonhamos num mundo imenso (BACHELARD, 1978, p. 317)

Cerca de trezentos quilômetros me afastava da minha família e eu sentia cada quilômetro. Não me sentir mais à vontade dentro de casa, causou o instinto de retornar ao antigo ninho, a casa da minha família. Que agora dentro das minhas lembranças parecia perfeita. Me veio uma vontade primordial de estar conectada, conectada a mim, conectada a minha família, amigos, conectada ao espaço físico. Com tantas perdas e incertezas eu precisava de estabilidade, precisava desse sentimento de pertencimento.

Pintar, desenhar e fazer as coisas como antes não me cabiam mais. Eu mudei bruscamente devido ao meu entorno e ainda não conseguia me reconhecer. Decidi explorar novas formas e ferramentas, novos suportes. Explorei a gravura, o entalhe e principalmente a fotografia. Nesse movimento de precisar de algo novo e ao mesmo tempo familiar também resgatei o bordado.

Agora jovem, bordava sozinha e aprendi que para bordar não era necessário ficar quieta e parada. Minha fascinação pelas palavras não me permite desfrutar do silêncio, assim deixei meus pensamentos dialogarem com músicas e foram elas que me fizeram companhia nos dias mais solitários. Olhando minha mão e seus movimentos bordando eu pensava em minha mãe e sentia que os quilômetros entre nós não eram tantos assim.

Ainda não sei bem
 Como nos separamos
 Não sei bem como consigo
 Te encontrar a cada passo dado
 Ou através do meu espelho
 (TUYO, 2018)

Na canção “Terminal” da banda Tuyo, somos apresentados a essa situação de despedida e as marcas que isso provoca. Nos versos acima, apesar dessa separação o eu lírico ainda encontra vestígios da outra pessoa em si, é uma metáfora interessante essa materialização das memórias e sentimentos, vivências que deixam “marcas” em nós. A letra conversa comigo não só pela forma que me conecto com a minha mãe mas a forma que me relaciono comigo. O bordado não foi só um resgate da ligação com a minha mãe, mas também um resgate da minha relação com o meu corpo. Uma união entre mente e corpo. De uma maior fisicalidade com a vida.

Assim como as palavras e seus sons, as palavras escondidas dentro das ilustrações encontraram no bordado peso e textura.

Me debruçar sobre minha infância, a relação que fiz com a casa, meus familiares e a vida, não tem como objetivo apresentar um caminho e uma fórmula para quem sou hoje, e sim investigar o que a própria revisitação desses acontecimentos acaba por transformar na criação artística. Eu não me utilizo da arte como forma de comunicação devido a minha vivência. Vivências completamente diferentes resultam em pessoas que se expressam através do fazer artístico. Mas a arte em si deriva

dessas vivências e um caminho de autoconhecimento que tem um impacto direto sobre o fazer artístico.

5. LINHAS E MEMÓRIA

Olhando com cuidado para obras produzidas no passado, aqui exploramos com maior foco, como as questões do capítulo anterior dialogam com o fazer artístico.

“Linha” produzida em 2019 é um conjunto de 2 ilustrações feitas através da colagem digital de fotografias pessoais e desenho sobreposto. As obras exploram a memória e a fotografia.

Figura 15. “Umbilical”, colagem digital, Leticia Oliveira, 2019.



Fonte: Acervo pessoal.

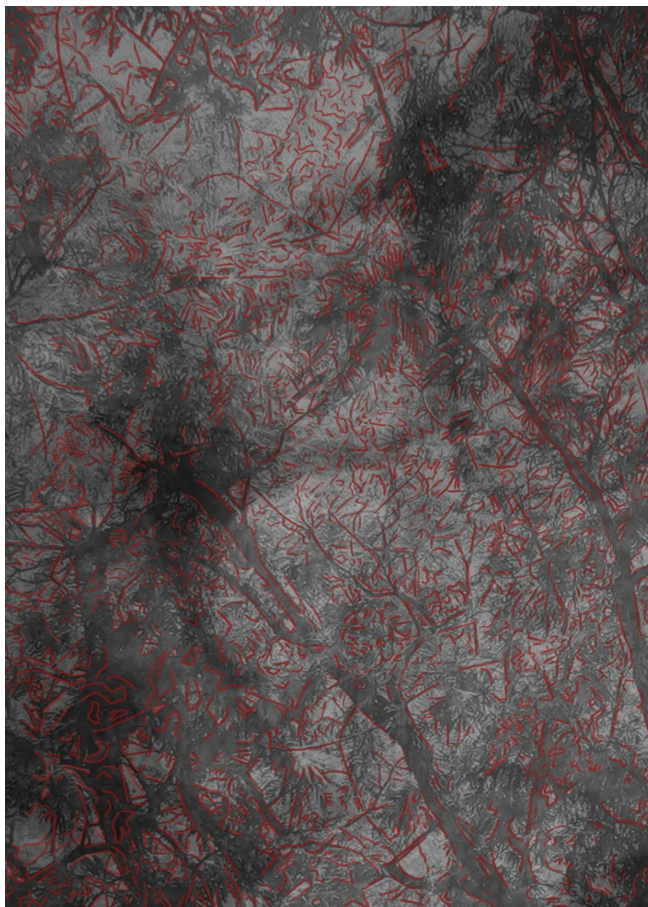
A primeira obra “Umbilical” tem sua temática na minha relação com meu irmão. Com diversas fotos nossas de infância, cria-se um diálogo nosso com o espaço que compartilhamos. Somos unidos por laços sanguíneos, e também pelo espaço, nos formamos dentro do mesmo útero e crescemos dentro das mesmas casas, compartilhamos um com o outro uma relação única. Junto com fotografias nossas, há

fotografias de viagens nossas, de lugares que gostamos de visitar. Compartilhamos um gosto pela água, nossos destinos favoritos são praias e cachoeiras.

Apesar disso, a obra esconde suas fotografias, revelando somente o resultado das linhas que elas deixaram. Essas linhas no desenho são determinadas pelas linhas das próprias fotografias, de forma a marcar os detalhes de forma aleatória. Devido às fotos de rios, as linhas formaram esse padrão mais fluido.

As linhas aqui assumem o papel da própria memória. Não lembramos de cada segundo que já vivemos, e ao traçar por cima dessas fotografias de forma aleatória cria-se uma metáfora para os detalhes que acabamos por carregar em contrapartida do que esquecemos.

Figura 16. “Linhas”, Leticia Oliveira, 2019, Colagem e desenho digital.



Fonte: Acervo pessoal.

“Linhas” se foca na minha imagem. Traçando um paralelo de fotos de criança e fotos adultas. Dialogando com o espaço temos fotografias de árvores na composição. As linhas aqui na cor vermelha trazem um tom pesado para a composição.

A canção “Queima Minha Pele” lançada no álbum Bluesman em 2018 pelo cantor Baco Exu do Blues com os vocais de Tim Bernardes, explora sua ansiedade e a dependência emocional de um relacionamento amoroso.

“Fotografar o silêncio é tão difícil
Fotografar o meu medo é tão difícil
Fotografar a insegurança é tão difícil”
(EXU DO BLUES, 2018)

No trecho acima o que ressoa é a dificuldade de se expor e encarar a fragilidade interna. O eu lírico tem dificuldades de explorar seus medos e sua ansiedade. As fotografias são uma linguagem muito crua, elas estão lá expostas mostrando as coisas como são. Revisitando as obras “Linhas” e “Umbilical”, cerca de cinco anos depois, vejo que apesar de explorar as fotografias havia um desejo de as esconder, pela minha própria dificuldade de encarar e revelar os sentimentos que as acompanham, dado o fato que exploram temas de sensibilidade para mim, como a relação com a minha família e a relação com a minha imagem.

Explorando meus registros encontrei uma versão anterior das obras que hoje me agradam muito mais do que o resultado final que cheguei em 2019. Hoje tendo amadurecido algumas questões internas, as fotos expostas não são mais um problema. Esses registros de construção de obra são importantes para se entender os diferentes caminhos que a obra pode percorrer “aceita-se que há concretizações alternativas, admite-se que outras obras teriam sido possíveis. (SALLES, 1998, p. 34).

Figura 17. Esboços da série “Linha”, colagem digital, 2019.



Fonte: Acervo pessoal.

A segunda obra que apresento é "Alagamento", de 2021. A obra tem como objetivo principal apresentar essa figura orgânica que deseja se expandir, como um fungo ou uma infiltração na casa. Ela cresce sem o nosso planejamento. Podendo ser uma presença indesejada com cores bonitas, difícil de desviar o olhar ela te convida para o profundo. O local da instalação é o canto das paredes com o teto, esse local de difícil acesso impede o espectador de interagir e se aproximar da figura, tornando-a mais hostil e distanciada.

Figura 18. Alagamento, instalação, colagem com papel, 3 placas de aproximadamente 56 x 52 cm (cada), 2021, Leticia Oliveira.



Fonte: Acervo pessoal.

Essa dor que sinto
 não é poesia
 não é literatura
 é como uma casa
 de cal e osso
 é como um sujo
 na parede

essa dor
 é passaporte para a vida
 (MURRAY, Roseana, 2010, p. 62)

No poema de Roseana Murray, o eu lírico compara sua dor com uma casa, ao dizer que sua dor “não é poesia” e sim “como uma casa de cal e osso” ela materializa sua dor, um sentimento íntimo e invisível aos olhos, em algo concreto, colocando sua dor “como um sujo na parede”, de forma que sua dor é visível e vista por todos que passarem pela aquela parede. Aqui podemos analisar como a casa é colocada como uma extensão do nosso corpo, com nossas dores estampadas em suas paredes. Uma

relação do interior e exterior, corpo e casa. A obra realizada durante a pandemia, externalizava as questões contraditórias que eu vivia com a casa que habitava. Assim como o eu lírico do poema de Roseana Murray, “Alagamento” era como uma mancha na parede a qual eu não poderia ignorar e desviar o olhar, só me restando aceitar a situação e os sentimentos que vivia.

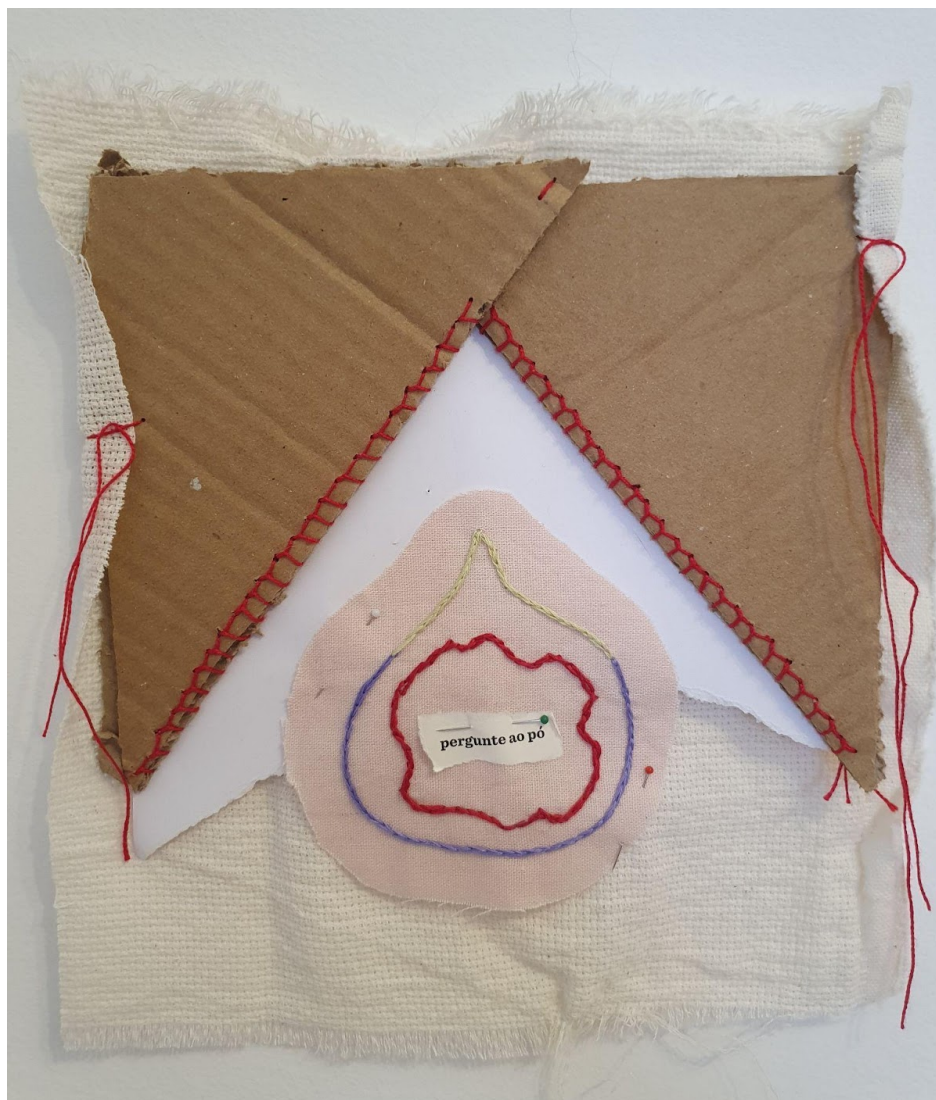
Figura 19. Alagamento, 2021.



Fonte: Acervo pessoal.

A terceira e última obra que trago é “Figo” de 2022. A temática central a qual me propus explorar é a moradia, e como ocupamos espaços, em “figo”, retornei ao primeiro espaço a qual ocupamos, o ventre. Todos somos habitantes de nossos próprios corpos e ainda assim por um breve período, fazemos morada no corpo alheio.

Figura 20. “Figo”, papelão e papel costurado no tecido, Leticia Oliveira, 27 x 25 cm, 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

A forma utilizada para a “cola” dos itens foi a costura e o uso de alfinetes, de forma a se utilizar das metáforas de se unir uma coisa à outra, as linhas vermelhas simbolizam esses laços sanguíneos que se formam entre mãe e filho. O alfinete é usado para “manter as coisas no lugar”, uma ligação com os significados de proteção, família e lar. O uso dos materiais têxteis como o pano e o linho vem de itens que se fazem presentes na maioria das casas, assim como as técnicas de costura e bordado que historicamente são ligadas ao feminino e a tradição entre as mulheres, sendo uma técnica que costuma passar de mãe para filha. O figo representa o fruto, em algumas culturas acreditava que o figo trazia fertilidade. A palavra fruto remete a parte da

oração do Pai Nosso “bendito é o fruto do vosso ventre”.

Ao colocar essas obras lado a lado, é possível traçar um fio condutor entre elas, as quatro à sua própria maneira tem em sua temática um diálogo com o espaço e o externo. Tanto “Linhas” como “Figo” trazem a questão da memória para as obras. E todas as quatro foram decisivas para as decisões que tomaria no fazer artístico posteriores a ela.

É costumeiro da nossa cultura estabelecer um início, meio e fim. O início nos empolga e mesmo com pesar aceitamos quando chegamos ao fim. Criamos uma obra e quando a finalizamos partimos para a próxima, aceitando que se erramos em algum momento, não há mais o que se fazer, já que finalizamos aquelas obras.

Quando faço esse movimento de olhar com cuidado para o que já produzi e com um olhar afetuoso e na medida do possível sem muitos julgamentos, abro espaço para poder afirmar que essas obras não se esgotam em si. Elas não precisam ser o seu próprio final.

Acredito que estou longe de ser uma artista completa, com sua linguagem definida e sua maturidade alcançada, nem quero afirmar algo assim agora. É libertador aceitar que posso mudar todas as minhas convicções, e que obras passadas podem se reinventar para algo novo, crescendo junto comigo conforme experiencio o próprio viver. Enquanto exploro essa questão coloco meus trabalhos em um estado em continuum.

6. PROCESSO EM CONTINUUM

“Se em algum momento eu sair daquela espinha dorsal e fizer um puxadinho pro lado, acho que faz parte, não é um problema pra mim, é até enriquecedor. Acho que se eu planejasse meus trabalhos e eles saíssem exatamente como planejei eu odiaria todos eles” (ISATTO, 2021),

7.1. Certos inícios

Ao iniciar essa pesquisa tinha uma imagem clara de como seria o resultado final da obra, resultado esse que nem chegava perto do zine.

Minha primeira escolha era um tapete, uma peça que conversava com a temática da casa e sobre os espaços criados para receber pessoas em nossas vidas. Através de estudos pensei em como realizar isso, eu não possuía conhecimento prático de tapeçaria, tinha que levar em consideração o tempo para a confecção e no fim algumas inseguranças me fizeram modificar a ideia.

Decidi manter o formato e tamanho de um tapete porém com bordados. Ansiosa para ver as coisas tomando forma, utilizei uma entretela que possuía em casa para visualizar o tamanho que a obra poderia assumir. Utilizei como base um tapete “pequeno” que havia em casa.

Quando peguei a entretela e a coloquei no chão percebi que não via tapete algum ali. O tecido branco me fez pensar que estava diante de uma folha de papel gigantesca, o que me fez refletir sobre outras possibilidades.

Frustrada com a incerteza, abandonei por ora o fazer prático da obra, sentindo que a ideia iria precisar de mais tempo de amadurecimento.

Em uma volta para a casa dos meus pais, decidi vasculhar os materiais de bordado que minha mãe mantinha guardado. Havia este pedaço de tecido grande, e percebi que queria fazer algo com aquilo. Quando o desdobrei e o vi por completo vi que as marcas das dobras ficaram marcadas, os vincos. Pequenos retângulos dentro daquele espaço.

De forma paralela a essa pesquisa já havia cruzado caminho com os zines e devido a isso, de estar familiarizado com sua estrutura, acredito que vislumbrei suas dobras e cortes naquele tecido, assim se abria uma possibilidade e decidi arriscar e mudar de ideia.

Figura 21. Medição da entretela.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 22. Tecido com seus vincos.

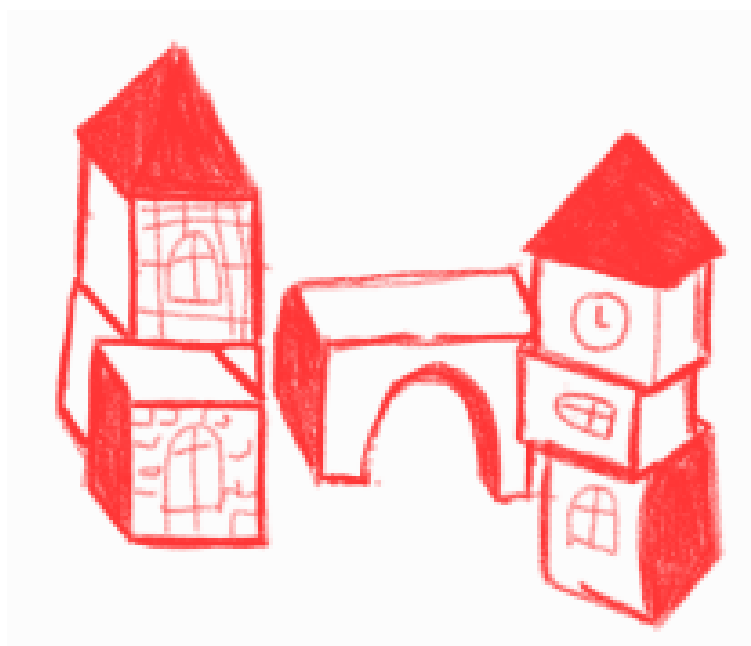


Fonte: Acervo pessoal.

Como o suporte surgiu antes do conteúdo, a segunda parte envolveu pensar no que estaria nas páginas.

A temática do espaço é vasto e me animei com a ideia de continuar a explorá-la com uma nova linguagem, assim dei continuidade ao tema. Pensando na ideia de construção de espaço me recordei de como os brinquedos e o lúdico participam dessa noção de lar. Me pôs a desenhar alguns desses brinquedos como blocos de construção. Comecei a refletir na poética de cada pecinha e suas possibilidades, como de bloco em bloco fazemos nossa construção, nosso espaço. Desse pensamento surgiu a primeira ilustração que se tornaria a capa do zine e deu espaço para o planejamento das próximas páginas.

Figura 23. Ilustração digital, setembro de 2022.

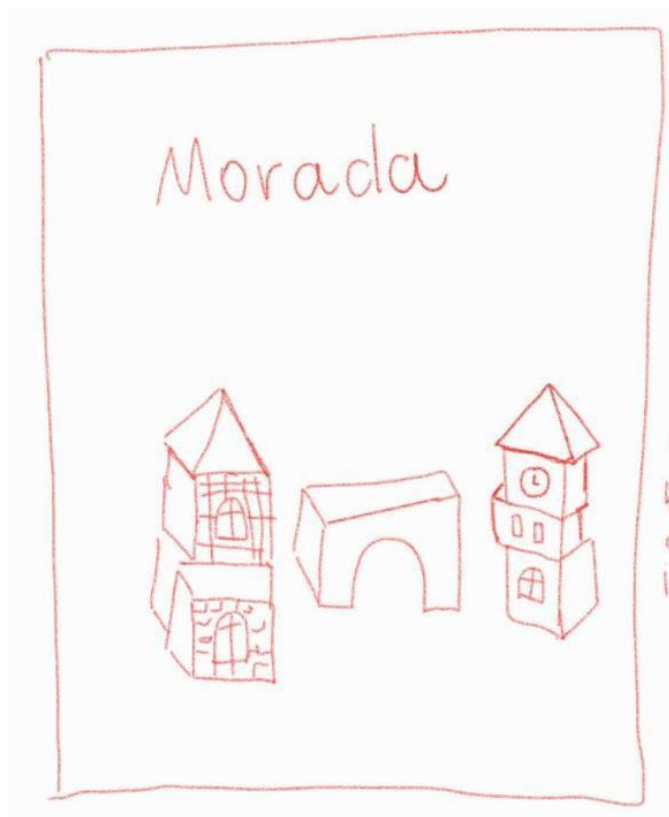


Fonte: Acervo pessoal.

Os esboços foram feitos de forma digital, pois é nesse formato que me vejo permitindo mais erros, sem tanto apego a gasto de papel e material.

O texto em seu primeiro momento surgiu de forma muito crua, direto e com pensamentos bem expostos. Sabia que não seria o resultado final, assim não me prendi a ele nesse início.

Figura 24. Esboços da capa, setembro de 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 25. Esboços do zine, setembro de 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

Para pensar nas próximas ilustrações, decidi tirar fotos dentro de casa, dos cantos, das gavetas, dos objetos, janelas, portas e várias partes.

Figura 26. Fotos da casa, setembro de 2022.

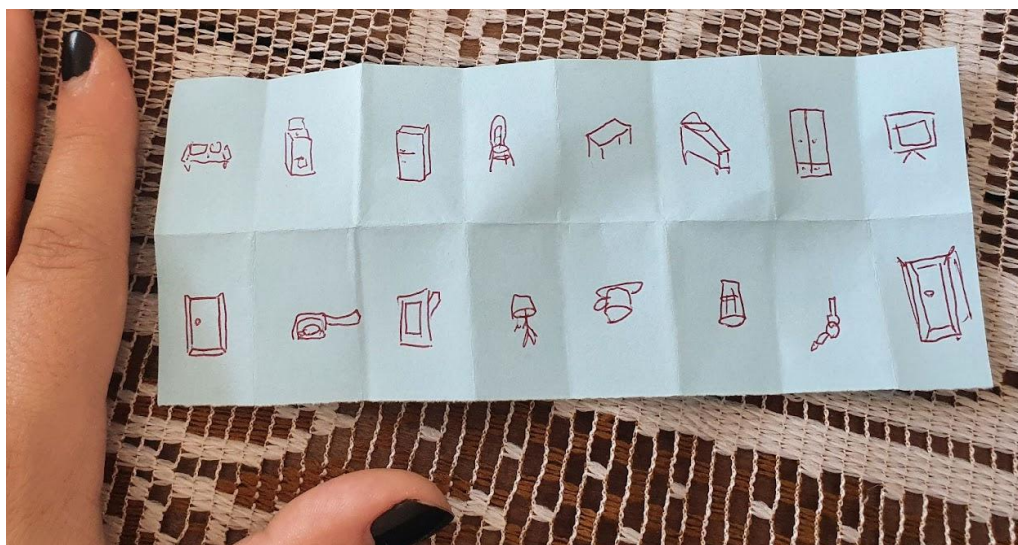


. Fonte: Acervo pessoal.

Olhando para as fotografias, fui fazendo esboços e aos poucos escolhendo quais desenhos me agradavam mais.

A organização das páginas passou por diversos testes no papel, de forma a perceber melhor o que funcionava ou não. Utilizei pedaços pequenos de papel, para evitar desperdícios, pois já conhecendo um pouco do meu processo, sabia que ao fazer cada teste, descobriria novas opções a serem exploradas.

Figura 27. Experimentação do zine.



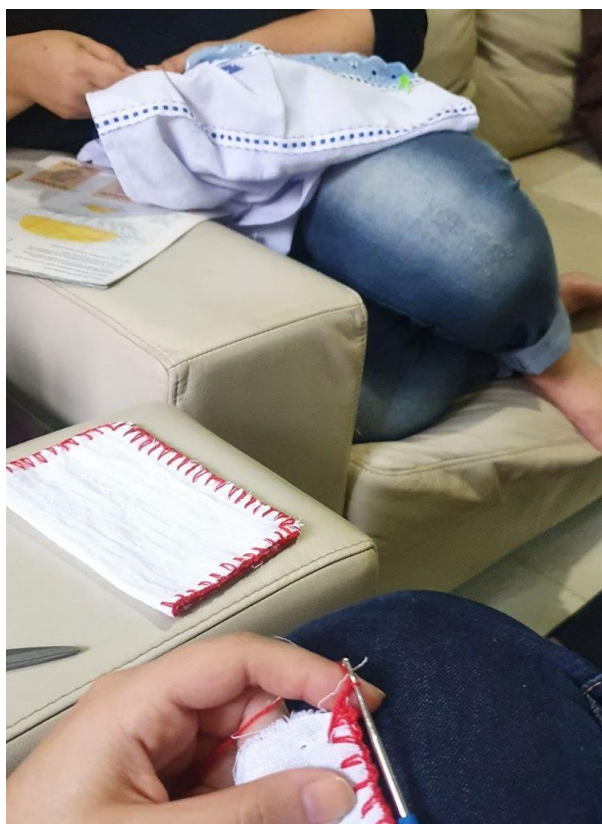
Fonte: Acervo pessoal.

7.2. Experimentações

Após me aprofundar mais na linguagem oferecida pelo têxtil, decidi abandonar a ideia do zine voltado para a dobradura e optei pela técnica de encadernação com costura. Assim a própria costura que ligava aquelas páginas faria parte da poética.

Com o tecido em mãos percebi como ele desfiava onde havia sido cortado com a tesoura e começou a surgir perguntas sobre como seria seu acabamento. Decidi perguntar à minha mãe o que ela aconselhava para contornar a questão, ela me aconselhou a fazer uma borda de crochê no tecido. O crochê era uma técnica até então a qual eu não havia experimentado, minha mãe se pôs a me ensinar. De forma muito natural resgatamos nosso fazer têxtil juntas.

Figura 28. Eu e minha mãe fazendo ponto cruz e crochê.



Fonte: Acervo pessoal.

Ao fazer a capa, ainda não tinha o texto definido, porém sentia a necessidade de materializar minhas ideias. Como se só ao sentir nas mãos o resultado pudesse decidir os próximos passos.

Figura 29. Primeira versão em tecido, contracapa e capa, agosto de 2022.



. Fonte: Acervo pessoal.

Tendo bordado a primeira página, comecei a enxergar mais questões, algo em como o avesso do bordado aparecer ao passar as páginas me incomodava.

Comecei a pensar em estratégias que deixassem visível somente o bordado, onde o avesso não ganhasse o mesmo destaque, no fim acabei voltando para o formato do zine que estava experimentando antes.

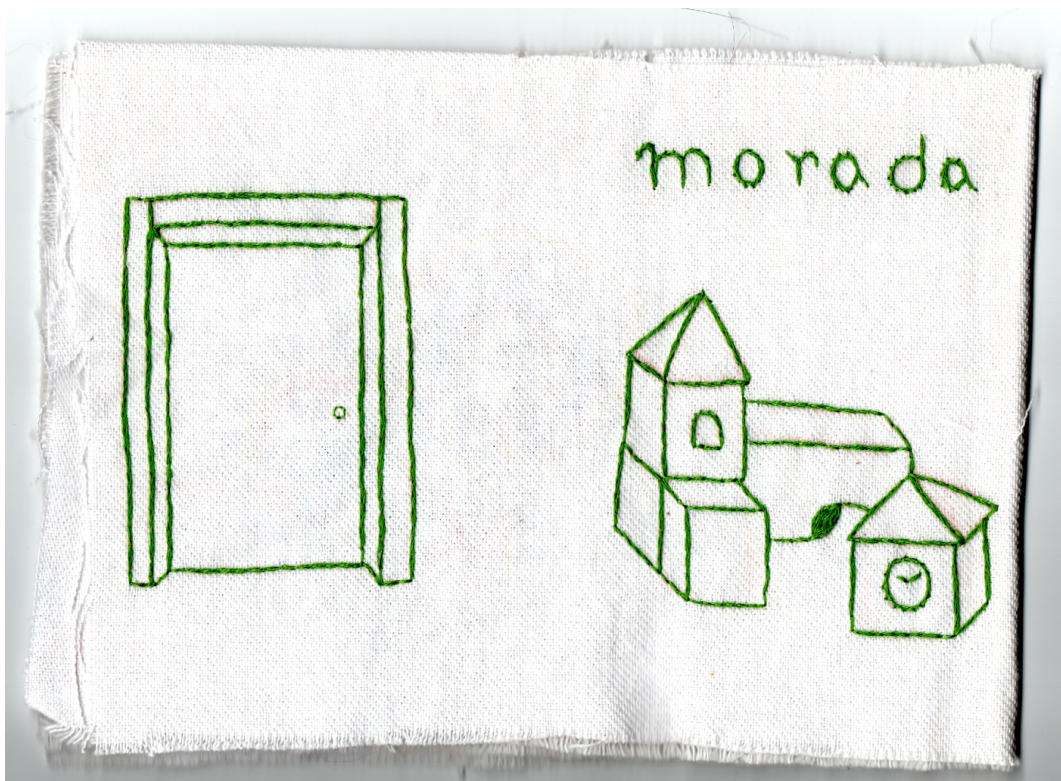
Voltar, mudar de ideia, mudar de ideia novamente, não vejo nada disso como uma perda de tempo, na verdade me empolga como após um erro, cria-se uma certeza maior da direção que desejo.

Decidi pelo formato do zine de dobra em 8 páginas, eu bordaria de um lado só como uma bandeira e ao ser dobrado o avesso se esconderia. O formato de 8 páginas trouxe consigo o desafio de encurtar o que eu já havia planejado, menos ilustrações e um texto de acompanhamento mais sucinto. Voltei novamente ao papel para testar o novo formato. E após alguns testes e modificações, voltei para o tecido.

Dando início ao bordado do zine novamente, outros detalhes me ocorreram, um deles era que o bordado leva um tempo natural muito maior do que o tempo de uma ilustração e de um pensamento, sendo assim eu pensava na quinta página da obra,

enquanto ainda bordava a segunda, dessa vez com medo pelo tempo que tinha em mãos, tentei ao máximo não me desviar do que havia planejado e dos esboços. Mesmo que minha mente já visse as alterações que poderiam ser feitas.

Figura 30. Contracapa e capa, segunda versão, novembro de 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

Levei cerca de 1 mês pra chegar nas páginas finais, mas o resultado não me agradava. Frustrada por não entender com clareza que caminho queria seguir, decidi não mexer mais no bordado até concretizar minhas ideias.

Importante frisar novamente como a experimentação, se dar a oportunidade de tentar e se expor para erros e acertos são importantes e indissociáveis de uma fazer criativo. Por mais que temos a convicção do que desejamos e o resultado que queremos, o fazer artístico pede que nos coloquemos aberto para as possibilidades e para os acasos durante o processo.

Figura 31. Segunda versão do zine sendo bordado no início de novembro de 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

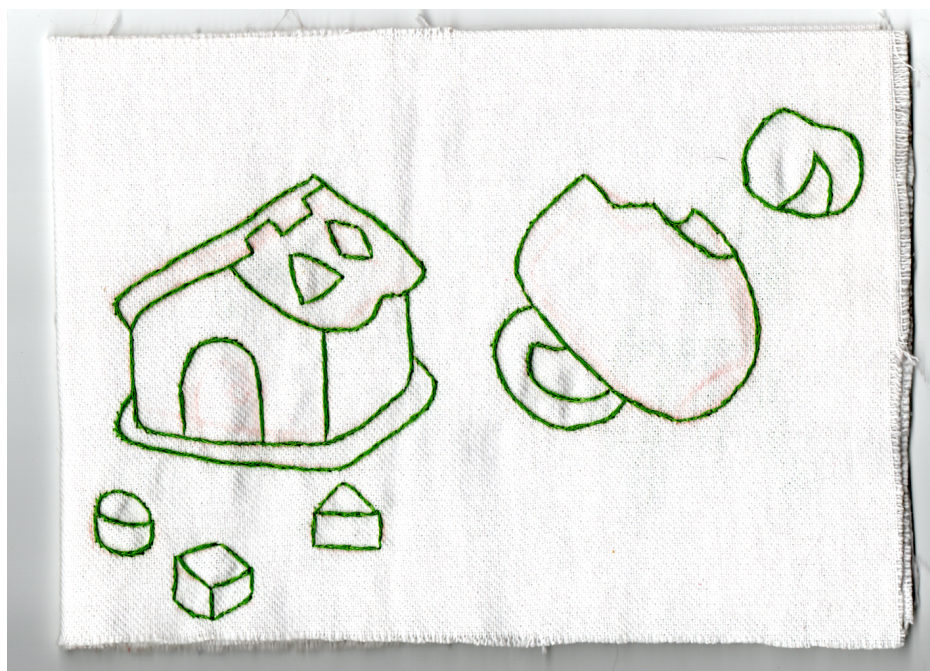
Figura 32. Segunda versão do zine, final de novembro de 2022.



. Fonte: Acervo pessoal.

Assim enriquecemos nossa linguagem, “o próprio processo de trabalho se converte em processo criador, de buscas e de descobertas sempre mais abrangentes”.(OSTROWER, 2013, p. 20).

Figura 33. Páginas descartadas do zine.



. Fonte: Acervo pessoal.

Mesmo decidida a não mexer no zine por hora, não parei de investigar suas linguagens e suportes. Me lancei mais ao têxtil, bordei outros temas, decidi experimentar com máquina de costura, fiz zine com tecido utilizando tintas de tecido, experimentei tecidos diferentes como tricoline, algodão cru e linho.

Figura 34. Experimentações com máquina de costura.



Fonte: Acervo pessoal.

Em abril de 2023, cerca de 5 meses depois de bordar a segunda versão do zine, decidi retomar oficialmente o fazer com ideias mais concretas, optei pelo algodão cru, pois em meus testes foi um dos tecido que mais gostei de trabalhar, além de ser um tecido mais firme melhorando a experiência de leitura e toque, tem uma memória de materialidade maior, o que torna suas dobras mais definidas por mais tempo. Decidi também fazer em um formato menor, se aproximando das medidas do tipo mais comum de zine impresso, assim meu processo de bordado também seria mais rápido. Decidi utilizar cola de tecido de forma a selar suas bordas de forma a não se desfiarem, como o zine possui um corte no meio da página para tornar a dobradura possível, não queria fazer crochê no meio da página.

Iniciei o fazer da terceira versão do zine, comecei aplicando cola nas bordas, assim como no corte de dentro, depois de seco, fiz esboços sobre o tecido com lápis grafite e comecei o bordado, com um bordado mais rápido e um fluxo agradável, em 3 dias terminei o terceiro zine.

Figura 35. Capa da terceira versão do zine, abril de 2023.



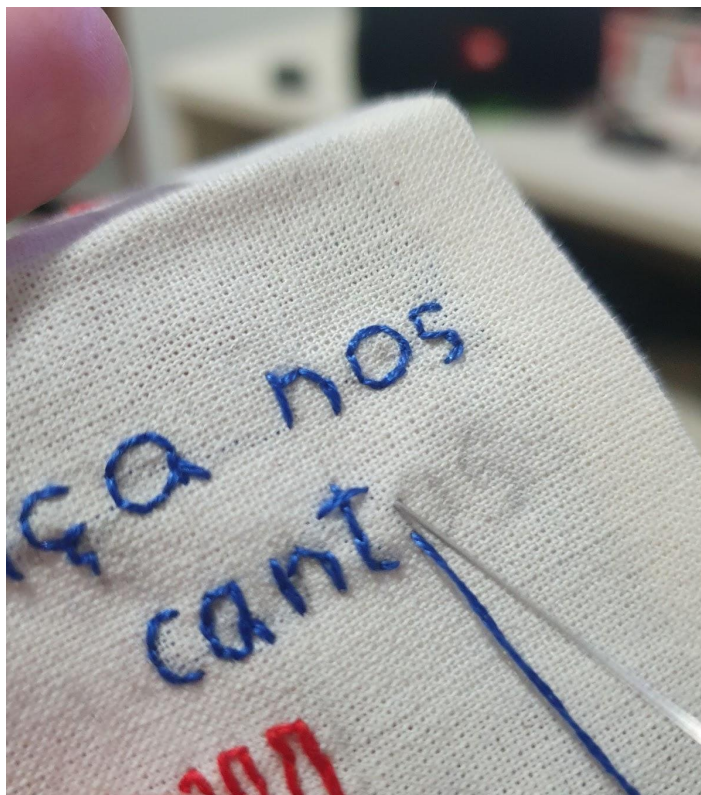
. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 36. Comparativo de tamanho dobrado (segunda versão, primeira versão e terceira versão).



. Fonte: Acervo pessoal.

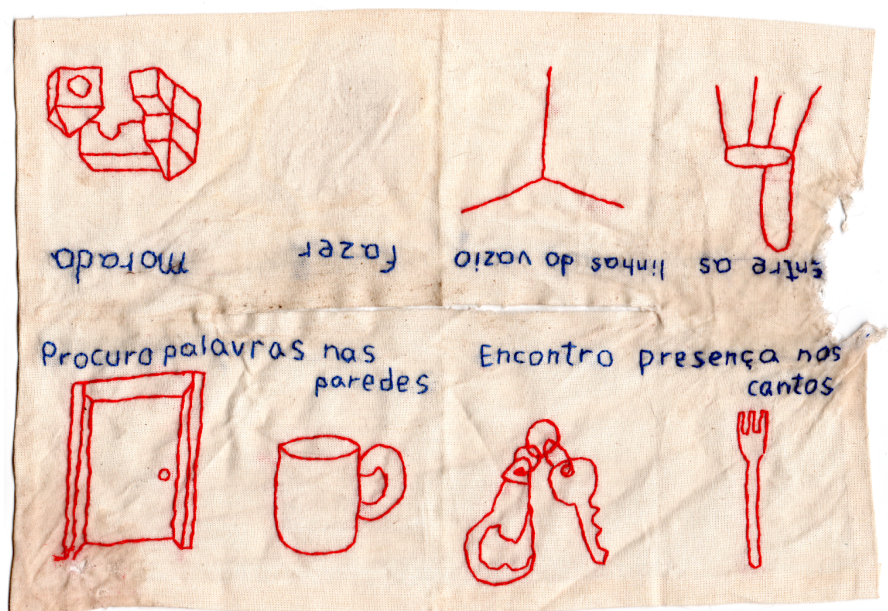
Figura 37. Detalhe do bordado



Fonte: Acervo pessoal.

A terceira versão até então me deixou satisfeita, até que um acontecimento modificou meus planos.

Figura 38. Terceira versão do zine, com partes mastigadas pela minha cachorra Laika, 2023.



Fonte: Acervo pessoal

Quando um acontecimento a qual não nós planejamos acontece, não há muito o que fazer além de aceitar.

Analisando o que sobrou do zine comecei a pensar nas minhas opções, eu poderia incorporar as partes que não foram danificadas em um novo pedaço de tecido, poderia só bordar novamente o zine do começo. Porém nesse caso percebi que não gostaria de bordar uma versão igual a que eu já havia feito.

Analisando essa falta de vontade cheguei a conclusão que um dos fatores que me empolgam ao me dedicar a uma obra e ver algo novo surgir. Bordar exatamente a mesma coisa apesar de que jamais seriam idênticas me parecia uma perda.

Eu não tinha intenções de fazer modificações mas não acredito que há algo que não possa ser melhorado ou transformado, assim me lancei novamente as possibilidades.

Começar uma nova versão me possibilitou fazer pequenos ajustes. Comecei fazendo vincos com o ferro de passar roupa, delimitando as bordas onde iria a cola, assim como as páginas do zine.

Figura 39. Vincando o algodão cru com calor.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 40. Algodão cru com vincos.



Fonte: Acervo pessoal

Decidi após rever minhas anotações e registros retomar uma ideia anterior a ideia do tapete, um bordado com fotos pessoais. Assim, o verso do zine teria uma outra camada de tecido com uma colagem de fotos, criando uma poética do zine-casa, o exterior que guarda as memórias e as pessoas no seu interior.

7.3. Fotografias

O processo de escolher as fotos foi guiado pelo emocional, escolhi as fotos de família que eu mais gosto, aquelas que me fazem rir, nesse processo pedi que minha mãe me acompanhasse, o que a levou contar as histórias que existem por trás de diversas fotografias, acrescentei aquelas que ela me pediu para incluir.

Escaneei cada foto e imprimi elas no tamanho original, recortei e fui colando uma a uma, montando aos poucos até preencher uma folha sulfite, então escaneei novamente as fotos já coladas, e imprimi esse resultado.

Figura 41. Processo de colagem, maio de 2023

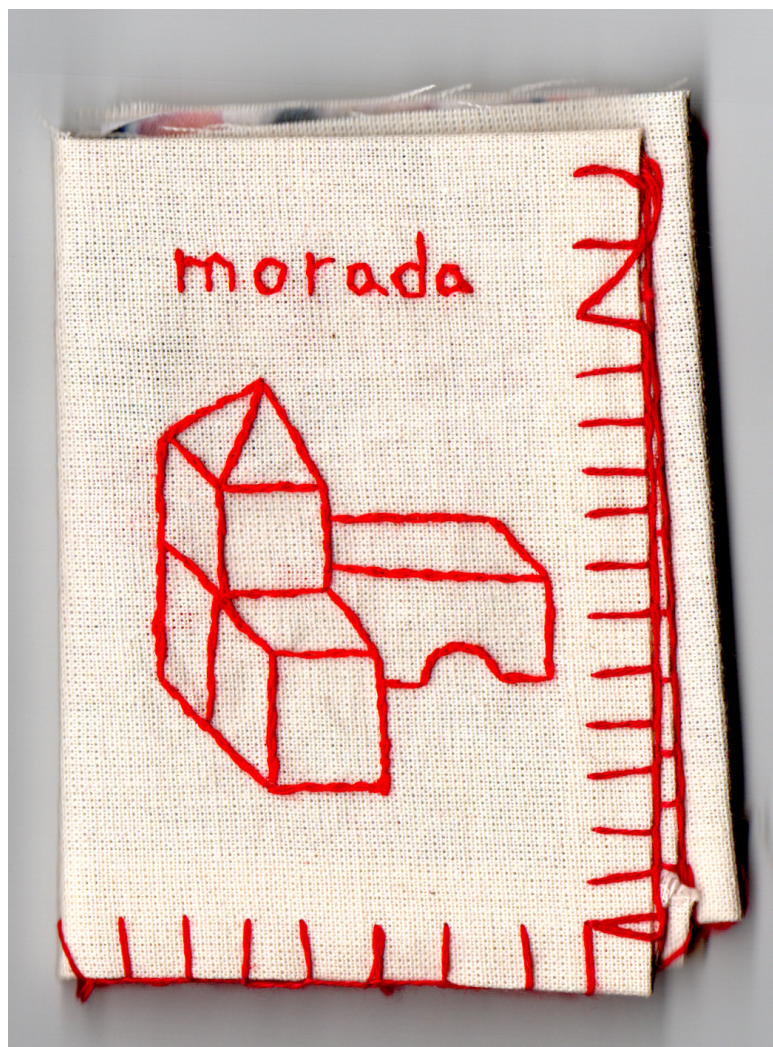


Fonte: Acervo pessoal.

Para passar a foto para o tecido, decidi experimentar uma técnica de transferência com o auxílio de verniz. O processo seguiu as etapas de aplicar uma camada de verniz de pintura no tecido, colocar a imagem impressa em cima deste verniz e com a ajuda de uma espátula, aderir toda a extensão da folha ao verniz e deixar secar ao sol. Passada algumas horas finalizei com ferro quente para não ter risco de erros. Depois vem o processo de retirar o papel para só a tinta passar para o tecido, com um pouco de água, molhar o papel e gentilmente vou retirando o papel, esse processo é bem delicado pois muita força pode tirar pedaços da imagem. E mesmo depois de diversos testes não cheguei ao resultado que imaginava, decidi utilizar mesmo assim as fotos transferidas ao tecido. Talvez por teimosia, mas comecei a gostar do resultado meio imperfeito, como se as fotos já tivessem sofrido com a ação do tempo.

7. ZINE E POÉTICA

Figura 43. Capa ou página 1.

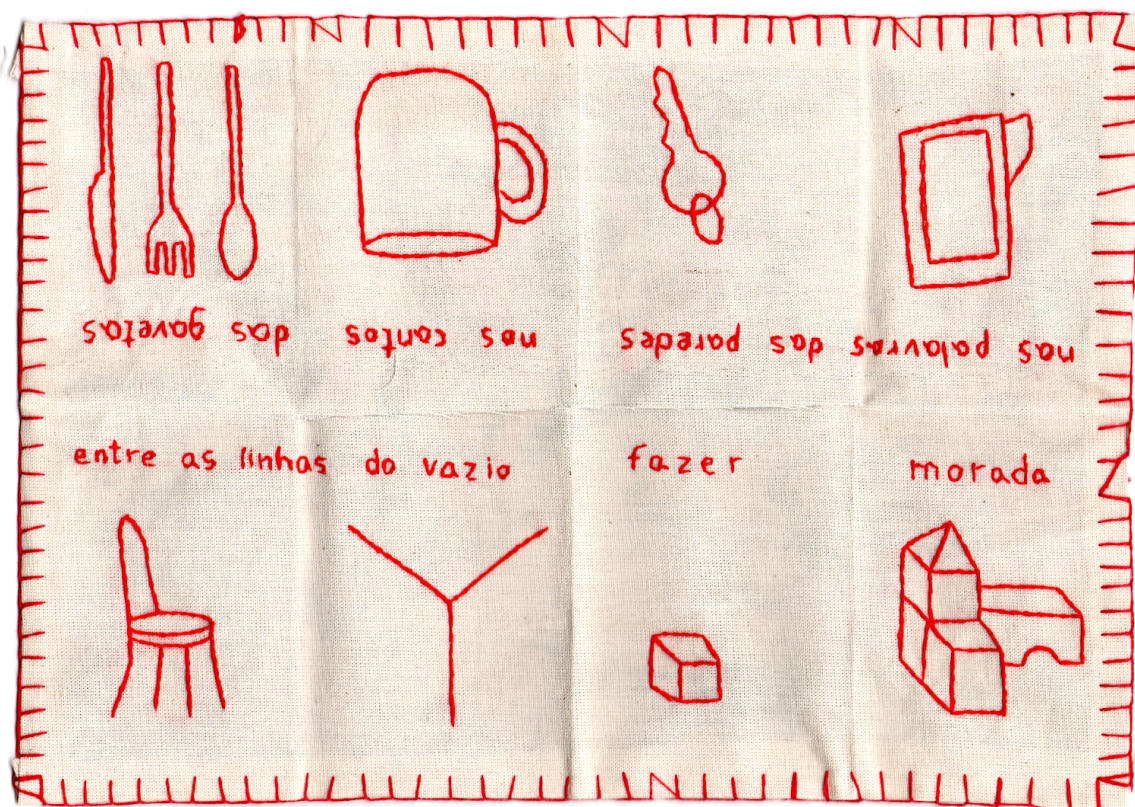


Fonte: Acervo pessoal.

Para melhor leitura do seu formato o zine estará na íntegra no apêndice no fim desse arquivo. Aqui irei abordar algumas questões específicas da poética do texto do zine e seus bordados.

Fazer morada tem um texto pensado para funcionar de forma cíclica, seu início culmina em um fim que leva ao início novamente, dessa forma uma metáfora para ciclos que se repetem. Ocupar lugares físicos dificilmente acontece de forma permanente, o espaço que chamamos de casa pode mudar várias vezes ao longo das nossas vidas e cabe a nós fazer e refazer nossa morada.

Figura 44. Zine aberto, parte exterior, 29 x 21 cm, 2023.



Fonte: Acervo pessoal.

No verso “nas palavras das paredes” das páginas 2 e 3, escrevi pensando no ditado popular “as paredes têm ouvidos”, brinquei com a ideia de que as paredes são testemunhas das palavras que falamos. Essas palavras que são ondas de som batem e refletem nesse espaço, ecoam. É nas paredes que por vezes penduramos quadros e fotos, com as palavras das histórias de cada fotografia e quadro, ocupando essas paredes.

O verso “nos cantos da gaveta” das páginas 4 e 5, é sobre ver a gaveta como esse espaço especial, e como não escapamos dos cantos em uma casa, até dentro da gaveta encontramos esses cantos, esses encontros. Essas páginas revelam a vontade de ocupar todo espaço possível até mesmo os cantos das gavetas, um desejo de pertencer por completo ao espaço, o que nos leva aos versos das próximas páginas “entre as linhas do vazio” esses cantos da casa não ocupados fazem parte da casa e ocupar essa casa é aceitar e entender esses cantos vazios, vejo esses cantos como um encontro, e dentro de uma casa temos vários encontros, encontro de desejos, medos e pessoas. Esse verso logo dá continuidade com o verso “fazer

morada”, lido de forma contínua “entre as linhas do vazio, fazer morada” e esses espaços vazios que podemos preencher, é nesses encontros que fazemos vivências.

Podemos morar sozinhos e nunca enfrentar o encontro das nossas vontades, assim como podemos morar com outras pessoas e não querer encontrar a necessidade do outro, mas ocupar esse espaço, fazer morada exige olhar esses encontros, esses cantos, o que nos leva a comunicação, comunicação nossa com nós, comunicação com o outro.

Assim vamos para o próximo verso “nas palavras das paredes” que após uma leitura completa ganha uma nova camada, dessa comunicação, das palavras que vivem em nós.

As ilustrações bordadas nas demais páginas do zine são elementos comuns dentro de uma casa, criando uma identificação instantânea. Cada casa é única, mas ainda assim compartilham diversos elementos entre si como um molho de chaves, o canto das paredes, uma gaveta em algum cômodo, talheres, copos, fotos, retratos, móveis, são alguns dos diversos exemplos. Essas pequenas coisas tão comuns fazem falta no dia a dia, elas nos dão conforto e nos acompanham e cada uma tem sua própria poética.

O fio vermelho tem uma pluralidade de significados, admito que nem eu entendo muito bem o que me move a ele, aceito que dentre as outras cores ele me chama mais atenção. Seus significados muitas vezes são extremos, ligado a representação do amor, a violência, o sangue, a intensidade. Esse vermelho se destaca nas minhas obras e sua interpretação é aberta.

Figura 45. Zine aberto, parte interna, 29 x 21 cm, 2023.



Fonte: Acervo particular.

O zine acaba sendo uma representação dessa casa, e no seu interior estão as memórias, representada pelas fotografias, a casa é viva, cheia de vivências.

O zine culmina pelo encontro de diversos elementos, é a vivência, o bordado, é a técnica de mulheres que me inspiram, é voz e palavra, é um meio e uma ferramenta, livro e objeto, obra e memória.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei essa pesquisa meu objetivo principal era aproximar as pessoas do fazer artístico, me afastar da figura idealizada do artista que vive pela sua arte e me aproximar do ser humano. Percebo que o fazer artístico está longe de ser algo simples e o processo criativo e como se dá esse fazer não deve ser colocado em etapas para a sua realização. Entendendo-se que essa seria uma abordagem com desdobramentos que prejudicam o fazer artístico, tirando o de dentro de suas possibilidades e interferindo na relação do ser com a arte.

Estamos condicionados a essas etapas, a seguir instruções, assim a prática artística pode ser vista como desafiadora por exigir muitas vezes que seguimos às cegas. Destaco aqui uma realização que cheguei durante a conclusão deste trabalho. A importância do tempo.

E no tempo que nos abrimos para maiores vivências. Quando aceitamos que somos seres humanos e não precisamos correr contra o tempo que nos é dado criamos espaço para a ocorrência de acasos, damos tempo para ideias amadurecerem e alinhamos a vida com a arte. Uma sociedade que cria a ideia de que não há tempo para a vida, não há tempo para encontrar as próprias respostas, afasta o ser humano do fazer artístico.

Realizei a proposta artística em conjunto com a pesquisa, pode concluir-se que ambos se interligam e influenciam. Conforme avançava em um tema, a obra ganhava novos contornos, e conforme elaborava a obra, buscava artistas que trabalhassem com materiais e poéticas similares, o que levou a um ciclo de influências na pesquisa-obra.

Durante o fazer artístico, é comum que o artista se volte para si mesmo e sua relação com objeto criado, porém ao fazer o movimento de estabelecer diálogos com a malha viva que é a arte criada antes dele colocamos em perspectiva nosso diálogo com o mundo. Enriquecemos esse saber compartilhando do que nos é único sem nunca esquecer da coletividade da arte, lembramos que não estamos sozinhos. Assim, destaco a importância de me influenciar por outros artistas, antes, durante e após uma criação artística.

O registro se tornou muito importante durante a realização deste trabalho, é ele que me ajudou a entender a passagem do tempo, reler minhas anotações e acompanhar o meu diário. Me mostrou pequenas nuances, os caminhos possíveis.

Explorar as vivências que nos torna quem nós somos, ganha um papel importante para o autoconhecimento, que está ligado ao fazer artístico, mas não são as vivências em si o fator determinante para essa criação. Vivências diferentes também levam à criação artística. É nessa pluralidade que geramos identificações, que aproxima o ser humano do fazer artístico.

O processo desse trabalho desde a vontade de explorar a temática do espaço e o bordado até o resultado do zine levou cerca de dois anos e meio. E nesse tempo eu conheci lugares novos, fui a exposições, fiz outros trabalhos, li livros, conversei com amigos, assisti filmes, ouvi músicas e vivi. Como artista não abro mão de nenhum desses momentos. É preciso abraçar o caos que é a vida, sua falta de ordem e seus acasos. É preciso viver.

É nas entrelinhas do viver que está a arte.

9. REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. D. **Carlos Drummond de Andrade**: Nova Reunião 23 livros de poesia volume 1. 7. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013. p. 1-418.

BACHELARD, Gaston. **Os Pensadores Bachelard**: A Poética do Espaço. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-354.

BRÍGIDA BALTAR. **Abrigo (1996)**. Disponível em: <https://brigidabaltar.com/?obras=abrigo>. Acesso em: 30 abr. 2023.

CAZUZA; FREJAT, Roberto. Poema. *In*: MATOGROSSO, Ney. **Olhos de Farol**. Polygram do Brasil, 1999. CD. Faixa 6

CONFLICT TEXTILES. **Textiles**. Disponível em: <https://cain.ulster.ac.uk/conflicttextiles/textiles/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

CÉU ISATTO. **Catalogo de Obsesões**. Disponível em: <https://www.ceuisatto.com/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

EXU DO BLUES, Baco. Queima minha Pele. *In*: EXU DO BLUES, Baco; BERNARDES, Tim. **Bluesman**. São Paulo: Selo EAEO Records, 2018. CD. Faixa 2

FALCÃO, Clarice. Capitão Gancho. *In*: FALCÃO, Clarice. **Monomania**. São Paulo: Casa Byington, 1992. CD. Faixa 1

FREITAG, Vanessa. Flores Têxteis. **URDUME**. n. 4, p. 52-53, 2019.

INTERNATIONAL CATALAN INSTITUTE FOR PEACE. **Roberta Bacic, Human Rights Researcher and Collector of Arpilleras**. Disponível em: <https://www.icip.cat/perlapau/en/article/roberta-bacic-human-rights-researcher-and-collector-of-arpilleras/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. **Arpilleras da resistência política chilena**. Disponível em: <http://memorialdaresistenciasp.org.br/exposicoes/arpilleras/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MASP. **Retirantes, da série Retirantes**. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes-da-serie-retirantes-1944-1945>. Acesso em: 30 abr. 2023.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. **Arpilleras da resistência política chilena**. Disponível em: <http://memorialdaresistenciasp.org.br/exposicoes/arpilleras/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MOVIMENTOS DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. **MULHERES ATINGIDAS POR BARRAGENS**. Disponível em: <https://mab.org.br/mulheres/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. 1. ed. RJ: Editora da Unicamp, 2013. p. 1-400.

ROSANA PAULINO. **Sobre**. Disponível em: <https://rosanapaulino.com.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado**. 1. ed. Sp: Annablume, 1998. p. 1-170.

SOARES, Layane; SOARES, Lilian. Terminal. *In*: TUYO. **Pra Curar**. Paraná: Independente, 2018. CD. Faixa 1

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: Roupas, memória, dor. 5. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016. p. 1-112.

UFRGS JORNAL DA UNIVERSIDADE. **Céu Isatto: Artista em Movimento**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cultura/ceu-isatto-artista-em-movimento/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

VANESSA FREITAG. **About me**. Disponível em: <https://www.freitagvanessa.com/6763408-about>. Acesso em: 28 mai. 2023.

YOUTUBE. **Arpilleras - Bordados, Histórias e Arte Têxtil I Edital Aldir Blanc - Artes Visuais**. Disponível em:

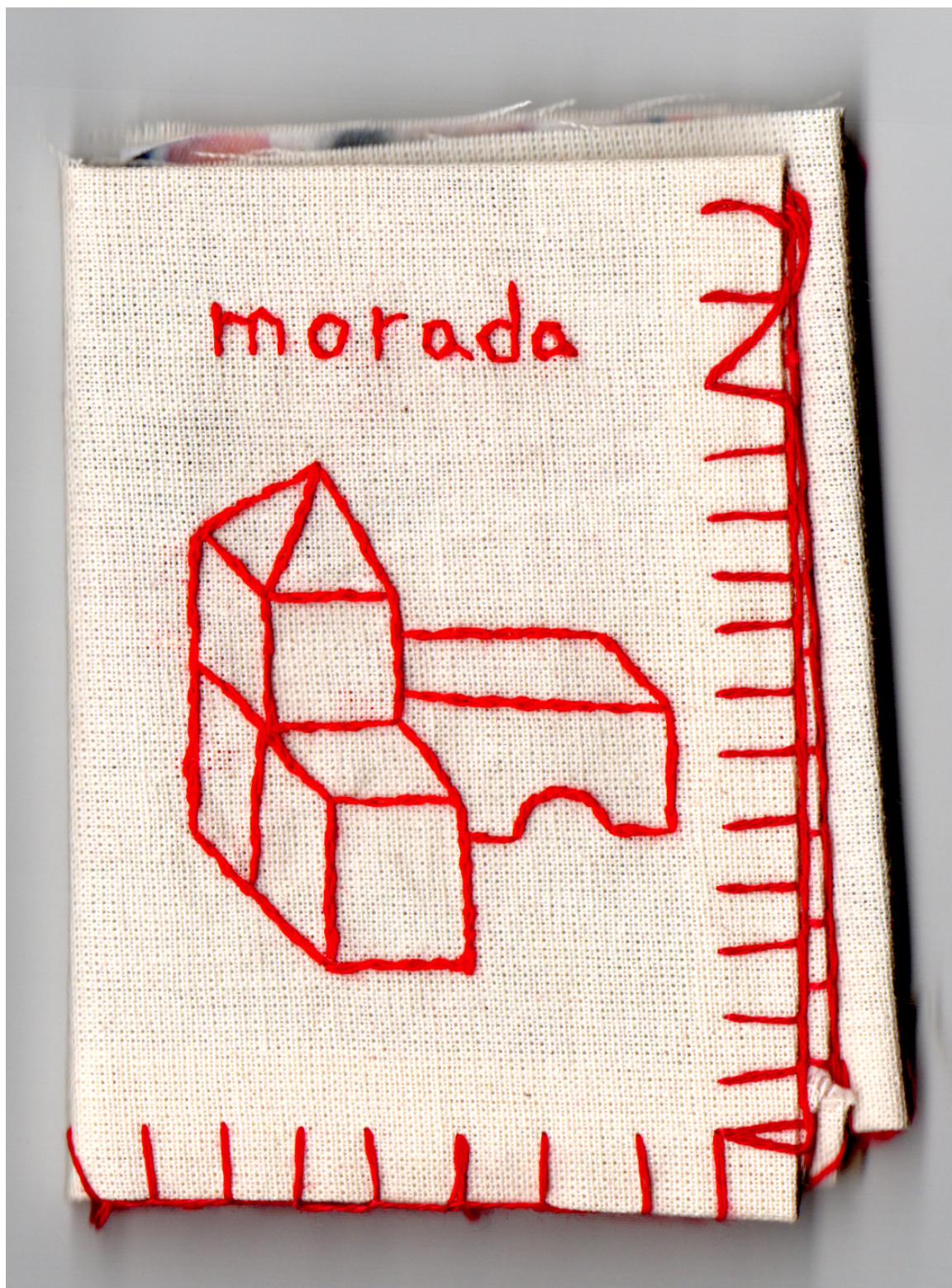
<https://www.youtube.com/watch?v=CSjMQSjNvdg&t=270s>. Acesso em: 30 abr. 2023.

YOUTUBE. **Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>. Acesso em: 3 jun. 2023.

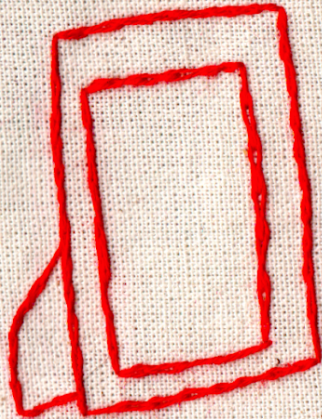
YOUTUBE. **Parede da Memória - Rosana Paulino**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vkFdzF4y6c0>. Acesso em: 30 abr. 2023.

YOUTUBE. **Vanessa Freitag: Arte textil | Temporada 5 - EP05**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bJ3GCzUHA_o. Acesso em: 11 nov. 2022.

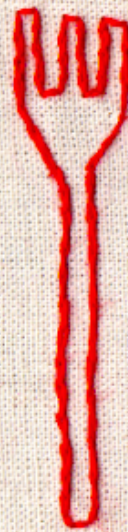
APÊNDICE 1 - ZINE FAZER MORADA



nas palavras das paredes



nos cantos das gavetas



entre as linhas do vazio

